# *Curso Online de Filosofia*

Olavo de Carvalho

Aula 30
31 de outubro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Hoje eu gostaria de começar com um artigo que escrevi para o *Diário do Comércio*, ainda não publicado, que vocês ouvirão em primeira mão, cuja transcrição não será necessária, porque ele será colocado no meu *site* pessoal em alguns dias. Na verdade, trata-se de um assunto deste seminário. Na medida do possível, sempre procuro articular entre si os vários trabalhos que estou fazendo para não me dispersar totalmente, aproveitando algumas coisas do seminário para o jornal, e do jornal para o seminário. O artigo é muito pertinente ao curso, porque diz algumas coisas sobre assuntos os quais eu pretendo que, ao longo do tempo, vocês aprofundem; ele diz respeito ao conhecimento do ambiente mental brasileiro, cuja confusão nebulosa, tenebrosa não é só uma coisa externa com a qual vocês se chocarão no exercício da sua função intelectual, mas é uma espécie de névoa venenosa que penetra por todos os poros e contamina a nossa alma e nos estraga. Aprender a observar essas coisas em si mesmo e, ao mesmo tempo, na sociedade em torno, e aprender os truques de como se livrar desse entraves mentais é absolutamente essencial. Se não fizer isto, toda a sua boa vontade, os seus melhores objetivos, seus melhores sonhos acabarão por se corromper de alguma maneira.

O problema do debate intelectual brasileiro é muito sério, trágico na verdade. Eu não conheço fenômeno semelhante em país nenhum do mundo, nenhum pelo menos onde as coisas tenham se sucedido com tamanha rapidez como no Brasil. No Brasil, um país que tinha uma alta cultura, em menos de meio século, destruíram-na completamente, apagaram-na, de modo que as discussões públicas baixaram de nível tão formidavelmente que os próprios envolvidos já não conseguem mais perceber. Se você perde a referência do que se fazia a cinqüenta anos atrás, você não tem mais o senso de medida para notar o que você perdeu. É mais ou menos como alguém que ficou impotente, mas que jamais soube que existia ereção; ele não sente a menor dificuldade ou problema. O brasileiro está mais ou menos assim. Eu vou ler aqui e comentar o artigo que chama-se “O erro organizado”:

“Há anos penso em escrever um livro com o título ou subtítulo de *Logica Brasiliensis*, recenseando os modelos de argumentação mais em voga nas discussões de mídia neste país e mostrando como são, quase que invariavelmente, puras confusões mentais que adquiriram credibilidade de argumentos pela repetição obsessiva e por nada mais. Nada de parecido, é claro, com os sofismas da lógica clássica nem com os esquemas de

argumentação erística, ou falsa dialética, que Arthur Schopenhauer enumerou em *Como Vencer um Debate Sem Precisar Ter Razão*. Para fazer uso desses dois tipos de ardis é preciso ter alguma destreza que só a freqüentação habitual dos clássicos pode conferir— uma condição que, na maior parte dos nossos opinadores públicos de hoje em dia, não se cumpre nem em sonhos, embora fosse comum entre muitos articulistas de quarenta ou cinqüenta anos atrás, autênticos escritores no sentido forte da palavra. Lendo um Álvaro Lins, um Júlio de Mesquita Filho, um Otto Maria Carpeaux, um Gustavo Corção, um José Guilherme Merquior, podia-se encontrar, ao lado de muitos arrazoados sólidos, um ou outro sofisma delicioso, quase inocente, fruto do puro ímpeto de criação literária que se sobrepunha por momentos ao desejo da verdade. Desmontá-los com toda a cortesia do mundo era um prazer que o crítico podia compartilhar até com o próprio autor do erro.

Hoje, não há mais nada disso. Quando algum dos mais notórios "formadores de opinião" atuais espreme seus últimos neurônios para dar ares de verossimilhança àquilo que sabe (ou deveria saber) que é falso, só o que consegue é deformar um pouco mais sua própria inteligência, junto com a do público, especialmente estudantil, que, levado pelo prestígio dessas criaturas, acaba por macaquear seus cacoetes mentais na esperança de dar boa impressão nos debates de botequim ou em alguma lista de discussões na *internet*. Agravados pela comichão de discutir, que é endêmica no ambiente nacional, a incapacidade e o desleixo, descendo dos mais vistosos modelos públicos até às conversas intergrupais e de família, vão espalhando pela sociedade novos padrões de confiabilidade intelectual aparente, cada vez mais baixos, cada vez mais torpes, até o ponto em que, no conjunto, se torna praticamente impossível entender qualquer coisa com base no que os brasileiros estão dizendo dela.

Pode parecer que estou carregando demais nas tintas, mas não esqueçam que venho coligindo exemplos de inépcia letrada desde os tempos do primeiro *Imbecil Coletivo* (1995). O mostruário de que hoje disponho permite não só apreciar o agravamento progressivo do estado de penúria intelectual reinante, mas também discernir, por trás da maçaroca de enormidades, algumas constantes mentais, alguns esquemas de pensamento errado e grosso que se repetem e, espontaneamente, se organizam numa espécie de sistema: o sistema das razões convencionais de credibilidade, todas elas sem credibilidade nenhuma, que se tornaram meios de prova altamente persuasivos e respeitáveis para a maioria dos brasileiros opinantes.

É a esse sistema que chamo *logica brasiliensis*. Ela constitui-se inteiramente de erros de leitura, distinção precária entre palavras e coisas, falta de senso das proporções, imprecisões monstruosas de vocabulário, confusões entre diferentes níveis de predicação, misturas de gêneros (e de gêneros com espécies), e demais calamidades da mesma ordem, as quais não denotam apenas ou propriamente falta de cultura e treino, mas falta daquele instinto lógico elementar que é próprio do ser humano enquanto tal e que até os mais iletrados possuem por natureza. Não se trata, pois, em geral, nem de desonestidade premeditada, nem de falha educacional, mas de uma autêntica

deficiência mental, adquirida no processo mesmo de aquisição dos meios de expressão necessários ao ingresso nas classes ditas cultas.

É fenômeno caracteristicamente nacional. Não que similares erros de raciocínio não se observem na mídia estrangeira. É que em parte alguma eles são aceitos como meios de prova legítimos, nem muito menos desfrutam da respeitabilidade generalizada que, no Brasil, os eleva à categoria quase que de símbolos da autoridade intelectual. Por toda parte eles existem como anormalidades. No Brasil são normais e normativos, praticamente obrigatórios. Aquele que não os pratique com a naturalidade de quem respira e com a tranqüila certeza de que diz coisas sapientíssimas vê-se logo rejeitado como um excêntrico incompreensível ou mesmo como um tipo perigosamente anti-social."

Esta é parte que nos interessa e o restante está disponível no site. Eu comecei a coletar estes exemplos de anormalidade da vida intelectual no Brasil já no fim dos anos oitenta, anotava-os e comentava em aula. Mas só em 1995 fiz uma seleção do que tinha coligido e coloquei no livro *O imbecil coletivo*, mas quando as coloquei no livro, elas já eram velhas. Reparem que tem muitas coisas que eu comento ali ainda são dos anos oitenta. O fenômeno já vinha chamando minha atenção, principalmente porque foi no fim dos anos cinqüenta e começo dos sessenta que comecei a ler, e, evidentemente, com livros na minha própria língua, embora a partir dos treze ou quatorze anos, começasse a ler em francês também, mas a maior parte era em português, **[00:10]** essencialmente produção local. Algo que me servia de guia de leituras era, por exemplo, o famoso suplemento literário do *Estado de São Paulo*, do *Estadão*. Pelo que eu podia ler naquele suplemento, tinha a indicação de quais eram os escritores que interessavam no momento. Aquilo me dava acesso a outras publicações, não tão populares ou disseminadas, como várias outras revistas literárias e, sabendo que alguém escrevia no *Estadão,* também publicava coisas em outras revistas, procurava e acabava as encontrando, como também algumas revistas universitárias, ou revistas culturais de interesse mais geral—como a famosa *Anhembi*— dirigida por Paulo Goulart. Procurando por essas revistas, tinha-se um panorama do que se produzia na época no mundo letrado brasileiro, e era uma coisa de uma riqueza que, hoje, as pessoas não conseguem imaginar, ninguém consegue, nem vocês conseguem nem os professores nas universidades. Pois para chegar a isto, seria preciso não ler um ou outro artigo, um ou outro livro da época; mas ter um panorama inteiro dela, só aí você pode medir o volume do que se produzia de importante e de valioso, não em termos de obras, livros, ou peças de teatro que fossem chamar a atenção, mas às vezes, de simples artigos, o simples debate público, coisas que, praticamente ninguém mais lê hoje. Quem lê os artigos críticos de Álvaro Lins ou Augusto Maia, ou daqueles vários portugueses que vieram morar no Brasil, fugindo da ditadura portuguesa, como Adolfo Casais Monteiro, Fidelino Fiqueiredo? Ninguém mais lê essas coisas, então ninguém tem idéia da alta cultura brasileira dos anos cinqüenta e sessenta, não mais, não se sabe o que se perdeu, e, não sabendo, não sente falta. Pior, como a geração atual é formada dentro da universidade atual— e nela os próprios professores não têm mais o conhecimento disso— evidentemente,

criam um outro padrão de excelência, de aceitabilidade que é infinitamente mais baixo, e isto tudo lhes parece normal.

Das pessoas que conheceram e tiveram acesso a produção dos anos quarenta, cinqüenta e sessenta, muitos estão muito velhos hoje em dia, tais como Meira Penna, Paulo Mercadante, Antônio Olyntho, já não se interessam tanto em acompanhar a evolução do estado de coisas na cultura e na educação para formarem uma idéia do que os jovens estão pensando e recebendo na sua mente com o nome de cultura nacional ou de alta cultura. Para perceber exatamente, o que está acontecendo, você precisa estar numa geração intermediária, que é exatamente a minha,  a de Bruno Tolentino, José Mário Pereira. Desta geração, há três ou quatro que sobraram e que são capazes de observar o que veio antes e o que está vindo agora, e perceber a enormidade da diferença ao ponto que é impossível de se conformarem com o que está acontecendo. É chocante demais, é absurdo demais.

Se esta mesma geração não deixar um depoimento do que aconteceu, a geração seguinte nunca mais perceberá o que houve. Um dos fenômenos mais importantes na história, uma das forças históricas mais decisivas, é o esquecimento: muita coisa acontece simplesmente porque você se esqueceu de como as coisas eram antes, então você para de fazer aquilo que não sabe fazer e não sabe que alguém jamais o soube. É o que diz Jean Fourastié, um economista francês meio filósofo, que no livro *Les Conditions de l'esprit scientifique* (As condições do espírito científico) diz que só se pode escrever uma história da ciência que reflita o movimento histórico real, escrevendo ao mesmo tempo uma história da ignorância, daquilo que foi perdido ao longo do tempo, do contrário você simplesmente enumera as descobertas científicas e tem a impressão de um progresso formidável. Quando se vê aquilo que foi perdido, aquilo que uma geração sabia e que a outra não sabe mais, e que a terceira já não pode sequer entender, você vê que o progresso do conhecimento é mostrado às pessoas com uma imagem enormemente exagerada: existe um progresso e ao mesmo tempo um retrocesso; no mais das vezes o resultado é zero, mas às vezes é negativo, bastante negativo, como ocorre no caso brasileiro.

Quando se lê esses escritores dos anos cinqüenta e sessenta e repara-se o altíssimo nível do debate público da época— que hoje se tornou impensável— você se pergunta como é que isso começou a acabar e, exatamente, como descrever o que aconteceu. As pessoas não se estupidificam naturalmente, o ser humano não é naturalmente estúpido, ao contrário, pois já dizia Aristóteles que é mais natural perceber a verdade do que estar no erro, assim como é mais natural ter saúde do que estar doente. O ser humano tem uma aptidão natural para compreender a verdade, embora falhe por motivos morais, entre outros, mas a falha continua sendo falha, a natureza ainda é aquilo que é: por definição, o que é natural para os membros de uma espécie, é saudável para os membros desta espécie. Quando há um processo desses de estupidificação geral, não se pode atribuí-lo à natureza, ele não aconteceu naturalmente; houve alguma interferência humana, que pode ser de dois tipos: uma interferência calculada— alguém pretendeu baixar o nível dos debates públicos —, ou o contrário: como diz Max Weber, foi um efeito impremeditado de ações

que visavam um outro objetivo completamente diferente, ou que até foram empreendidas por pessoas que não tinham a menor consciência dos efeitos possíveis que elas poderiam desencadear.

Para compreender este fenômeno, uma das coisas que se precisa fazer é exatamente este recenseamento a que eu me refiro. Somando a quantidade de documentos que eu coligi sobre isso, de forma séria, para o *Imbecil Coletivo*— do qual só publiquei dois volumes— ainda tenho preparados mais oito, que sairão ao longo do tempo. Embora haja alguns artigos sobre outros assuntos, a maior parte do que está lá são descrições e análises do debate intelectual brasileiro. Eu não falo de políticos, raramente comento a figura política, as únicas que comento são as mais importantes: presidente ou ministro. Se um deputado fez isso ou aquilo, se roubou dinheiro público ou foi pego em um bordel, isto não me interessa, mas, se a figura é de nível ministerial ou presidencial, significa algo, porque é uma amostra do que se passa no *establishment*. Até os casos de corrupção, que tanto chamaram atenção da mídia brasileira, raramente os comento. Isto é a pequena política, só me interessa da política aquilo que expressa algo do estado de coisas mental. Estou interessado na alma, na psique brasileira, e não nas miudezas materiais do dia-a-dia.

A quase totalidade do *Imbecil Coletivo* é um documentário da degradação mental brasileira, a coleção já está com dez volumes, e só não publicamos os oito restantes porque não tínhamos tempo para coligi-los, mas a Leilah, minha filha, tem me ajudando a fazê-lo e logo vamos publicar os que faltam; a maior parte desses escritos são artigos de jornal, embora haja alguns outros que ficaram inéditos, apresentados somente em aula. **[00:20]** Ora, este mostruário é algo que tem um peso absolutamente formidável e continua aparecendo. Muitas vezes o leitor leigo— aquele que não é meu estudante, que só me conhece pelos artigos de jornal— não entende exatamente porque estou fazendo isto e, freqüentemente, protesta: “Você fica analisando coisa de idiotas e respondendo a idiotas!”. Isto supõe que eu estou interessado no assunto que eles estão discutindo, ou que estou interessado em discutir com eles. Mas é claro que não! As pessoas interpretam mal porque não são capazes nem de entender o que tento fazer com isto: estou interessado em coligir amostras, analisar o fenômeno e juntar um mostruário, o mais amplo possível.

Hoje já temos uma coletânea suficiente, não só para documentar que algo de muito grave aconteceu na história da inteligência brasileira, mas também para perceber certas constantes. Por exemplo, certos giros de linguagem que se tornaram usuais e que adquiriram certo poder persuasivo, as pessoas os usam porque lhes parecem persuasivos e, portanto aptos a servirem para persuadir os outros, ou porque lhes parece elegante. Podemos fazer uma lista deles, encontrar amostras de cada um, o que seria uma espécie de ciência retórica invertida, às avessas. Um desses lugares comuns, ou *topoi*, diz respeito ao uso da própria palavra “retórica”, que entrou na mídia brasileira através dos meus dois livros: *A teoria dos quatro discursos* e o *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, principalmente deste último, que fez um sucesso enorme e todo mundo leu. Daí todo mundo começou a falar de retórica e usar todos aqueles termos: *argumentum ad hominem*, *tertio non datur*, que começaram a

proliferar por todos os lugares imediatamente, mas todos usados à maneira brasileira, na base da macaqueação, sem tê-los examinado mais profundamente. A partir daí se distribui pela mídia brasileira, sobretudo nos debates ditos cultos, um certo uso da palavra retórica que ele mesmo denota um fenômeno muito raro de incompreensão.Por exemplo, a meu próprio respeito, as pessoas já disseram muitas vezes: “Ele tem uma retórica muito boa!”, querendo dizer: “Ele convence as pessoas, mas está tudo errado o que ele está falando.”, bom, se está tudo errado então demonstre, aí respondem: “Não posso porque não tenho uma retórica tão boa quanto a dele.”. Isso expressa a noção de que os modelos da arte retórica podem ser usado para o que você quiser, independentemente da matéria de discussão e dos fatos que você disponha, de que você pode montar a sua argumentação retórica como lhe convier, o que é obviamente impossível. Só alguém que não tem nenhuma prática e que não sabe realmente o que é retórica, pensa que, a partir de qualquer grupo de fatos, você possa montar a argumentação que você queira, partindo por exemplo do fato de que um homem estuprou uma menininha de três anos, você poderia demonstrar que ele é um santo, só alguém que jamais o tentou é que imagina uma coisa dessas. Em segundo lugar, toda argumentação efetivamente retórica, sempre parte das convicções do público, convicções atuais do público, aquelas em que todos acreditam são tomadas como premissas. Para fazer uma argumentação retórica, você tem de tomar as crenças gerais vigentes como premissas, sem jamais colocá-las em discussão e usá-las como instrumento de prova daquilo que você pretende provar: na medida em que você prova que X ou Y está de acordo com a crença vigente, ganhou credibilidade para aquele tópico; se, ao contrário, você tenta demolir uma crença vigente, não pode usar um argumento retórico, é impossível, terá de apelar para a análise dialética. Como praticamente tudo aquilo que eu escrevo está contra a opinião geral, então raramente me é concedido este reconforto de usar apenas uma argumentação retórica. De tudo o que escrevi, em parte alguma há argumentação retórica, o que eu tenho ali é uma análise dialética condensada. Se eu quiser dar um exemplo de persuasão retórica, sei fazê-lo.

Uma vez fui convidado, no Rio Grande do Sul, para dar uma conferência para a juventude do antigo PFL, hoje o DEM. Ao chegar estava toda a cúpula do partido, Bornhausen e outros, sentados, no que na verdade não era uma conferência, e sim quase um estádio de futebol cheio de jovens, e aqueles velhinhos maçando-os. Aquilo não podia ser assim, eles não sabiam como se faz um comício, então eu tive de ensinar a esses políticos profissionais. Peguei o microfone, desci para o meio dos jovens para falar no meio deles, e não de cima do palco, apelando para as convicções que eles já tinham e eu as reforçava. Isto é uma argumentação retórica. Você parte daquilo que o público já aceita e sem jamais bater de frente com aquilo, você vai do que eles já crêem para aquilo a mais que você deseja que eles creiam, “a mais” que não pode entrar em choque com o que eles já crêem. A argumentação retórica apenas tira uma conclusão de algo que as pessoas já acham, se você vende um sabonete, você parte do princípio que as pessoas acreditam que devem tomar banho, mas se elas acharem que jamais devem fazê-lo, vender sabonete já não é um empreendimento retórico, precisa de algo mais, você vai precisar

primeiro questionar as premissas, vai ter que convencer o sujeito que ele precisa tomar banho.

Se você raciocina contra as premissas presentemente admitidas, não pode fazer uma argumentação retórica de jeito nenhum. Pelo número de indivíduos que escrevem “a retórica dele é muito boa”— é um falso elogio, elogiam para depois depreciar— é incrível que estas pessoas que estão a toda hora usando, não só a palavra retórica, mas até alguns outros termos técnicos da retórica, os quais justamente entraram em circulação para a presente geração com meus livros, não tenham a menor idéia do que se trata. Trata-se daquele fenômeno que eu já descrevi, que é também tipicamente brasileiro, de se usar uma palavra pela impressão emocional que a própria palavra causa. A própria palavra gera uma reação emocional, pelo fato de ela ter sido usada reiteradamente da mesma maneira. Quanto mais usada neste mesmo sentido, mais o efeito emocional é automático, sem que seja necessária a mínima referência à coisa que ela supostamente designa. Se você se acostumou com a idéia de que retórica é uma técnica elegante de mentir, é claro que a palavra vai causar um efeito negativo ou pelo menos ambíguo, você conta com isso. Mas isto tem algo a ver coma retórica propriamente dita? Não, nada a ver. Em primeiro lugar, a retórica se torna uma erística, que é tentar vender ao público certas conclusões a partir de premissas que ele não compartilha, mas você consegue enganá-lo de tal modo que naquele momento ele pense que acredita nelas. Para fazer isso, você jamais pode incorrer no risco de uma análise dialética. **[00:30]**

Se você quer vender uma premissa que não é de domínio público, como se fosse, deve anunciá-la nos termos usuais com que se expressa a verdadeira crença pública. Essa crença pública pode ser expressa, ou até sistematizada, como um conjunto de afirmações em que todo mundo crê, e isso vai desde aquelas premissas óbvias que são compartilhadas por toda a humanidade, por exemplo “A saúde é melhor que a doença”, “A riqueza é melhor que a pobreza”, e, como diz Chico Buarque "Antes rico e com saúde do que pobre e doente", banalidades em que todo mundo acredita, até certas premissas que são especificas de uma sociedade determinada num momento determinado, por exemplo, hoje em dia se tem a premissa de que as pessoas são boas quando lutam por um futuro melhor para a humanidade, não há quem não acredite nela. Se ao contrário, você diz que a idéia de um futuro melhor é a idéia mais criminosa que existe, você não tem como expor isso retoricamente, pois você está jogando contra a credibilidade pública. Para demolir uma crença pública, você tem que partir para uma análise dialética onde confronta essa idéia com outras e chega à conclusão de que a sua é melhor, melhor em si mesma, pelas suas virtudes intrínsecas, e não por ser compartilhada por todo mundo. Se você quer justamente que as pessoas passem a acreditar em algo em que ninguém acredita, o único meio de fazê-lo é uma análise dialética, não tem outra maneira, a não ser que você possa fazer uma campanha de propaganda, o que não está ao alcance de nenhum articulista— você precisaria de *outdoors*, anúncio na televisão, fazer programas, *shows* de televisão, *shows* musicais, etc,— para impingir aquela idéia, o que evidentemente está fora da minha especialidade; não tenho nem o capital nem o talento requerido para isso.

Por exemplo, o aquecimento global, do qual a vinte anos atrás ninguém falava, pois as mesmas pessoas que hoje falam dele, falavam de resfriamento global; desde então mudaram de idéia, falam que não é mais resfriamento global o que ocorre, e sim aquecimento global. Teve de se fazer uma campanha global, como isso contrariava o que todos acreditavam. Pode-se criar um novo padrão de credibilidade mediante a propaganda maciça, a qual não pode se apresentar diretamente como tal, mas tem de se apresentar como o produto espontâneo do senso comum, não se fazem então anúncios que preguem aquela idéia, mas filmes, *shows* musicais, livros, artigos; sempre tomando aquela premissa como se ela já estivesse demonstrada, contornando a discussão da premissa. É exatamente o que se chama erística: tomar uma crença, na qual ninguém acredita, e fazer todos passarem a raciocinar como se sempre tivessem acreditado nela. No livro *Tópica,* de Aristóteles, isso está muito bem explicado: você raciocina— não a partir da crença pública, como se faz em retórica normal— mas a partir de uma falsa crença pública, que você está tentando impingir como se fosse uma crença pública, você faz o público acreditar que ele sempre acreditou no que ele passou a acreditar naquele momento mesmo.

Nem mesmo os instrumentos da retórica normal estão a minha disposição, quanto mais os da erística. O número de pessoas que usam esse termo retórica — nem sempre estão mau intencionados, evidentemente estão tentando expressar alguma em que eles acham de fato— mostra esse hábito brasileiro de usar as palavras pela impressão emocional direta que elas causam, sem ser necessário uma referência ao objeto de que se trata. Esse é um dos *topoi*, lugares comuns, dos brasileiros, uma regra da *logica brasiliensis*: nunca lembre às pessoas a distância que pode haver entre a palavra e a coisa, aliás, nunca se refira a coisa nenhuma, fique na relação direta palavra-emoção. As pessoas podem escrever textos inteiros assim, onde não há uma só referência a qualquer coisa do universo real, nada, mas só uma sucessão de emoções causadas diretamente por evocações associadas a esta ou aquela palavra pelo uso repetido.

Há pessoas, autores, no Brasil, que escrevem praticamente tudo assim. O Doutor Emir Sader é um. Não há um artigo do Dr. Emir Sader que não seja mero encadeamento de reações emocionais a palavras. Isso é um fenômeno sociológico que, se tivéssemos os recursos e existisse um ensino universitário normal, já teria sido estudado como algo de extrema importância. Afinal de contas, o Dr. Emir Sader tem leitores e é tido como uma pessoa respeitada, um chefe de um departamento universitário, algo que, se você pensar em escala mundial, é raríssimo. Não existem cientistas sociais que escrevam assim. Como apareceu de repente um professor de ciência política que escreve tudo desse modo? É uma erística da mais baixa qualidade, feita para um público imbecil; ele escreve assim e ninguém repara que tem algo errado. E quando escrevo que tem, as pessoas dizem que isso é uma discussão política, que eu tenho uma ideologia e o Dr. Emir Sader outra, que é um confronto de ideologias.

A palavra ideologia aí também é usada num sentido que não tem nada haver com o que elas são na verdade, é usada para causar uma impressão. Como seria possível um confronto de idéias políticas entre alguém como eu e o Dr.

Emir Sader? Realmente impossível, pois, se você ler os seus escritos, não há nenhuma idéia política neles, há apenas uma série de impressões, criadas pelo uso reiterado de certas palavras, num sentido que não tem nada haver com as coisas que elas representam. Posso discutir uma idéia política que eu tenha lido, digamos, em Chomsky, porque ali existe alguma idéia política, ele está se referindo a fatos determinados e ele definitivamente não escreve nesse estilo, não há ninguém nos EUA que o faça.

O que eu digo sobre Dr. Emir Sader não se refere absolutamente às suas idéias políticas, pois não é possível expressá-las na linguagem em que ele escreve. Outro *topos* característico do Dr. Emir Sader é a simples inversão de frases: ele seleciona uma frase que leu em algum lugar, inverte-a, e acha que disse alguma coisa. É como criança, uma xinga a outra e esta responde: "Quem fala é que é!" Se você acha que isso é um argumento, não tem a menor idéia do que seja. Isso não é um argumento nem mesmo retórico, tampouco erístico, pois esta afinal de contas é uma técnica. Analisando os escritos do Dr. Emir Sader; da própria Marilena Chauí, que é uma filósofa profissional; sem limitar-nos aos esquerdistas, também os de Rodrigo Constantino, Janer Cristaldo, e outros conservadores liberais, vemos que isso é generalizado. **[00:40]**

O debate público brasileiro se tornou uma hipnose verbal mútua, em que nada pode ser analisado, as coisas só funcionam quando não analisadas, como numa mágica: você a analisa e o seu efeito acaba. Um tenta vender a mágica aqui, e o outro lá, mas é tudo mágica no fim das contas, é um uso infantil, fetichista da linguagem. Para quem cresceu lendo Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Augusto Meyer, Júlio de Mesquita Filho, é acachapante, aterrorizante. O tamanho da estupidez realmente me aterroriza, eu cheguei à conclusão de que a burrice é uma força física, tem densidade, massa, e freqüentemente as palavras são impotentes contra ela. É como se você tentasse fazer com que um muro saia do lugar mediante  palavras,você as diz, mas ele nem sequer recebe a sua informação.

Se nos perguntamos como isso aconteceu, temos de remontar a uma época em que isso não acontecia. Aí reparamos o seguinte: havia entre os anos quarenta e sessenta, aliás de trinta até sessenta, um ambiente de alta cultura, onde podia até haver divergências políticas e ideológicas, mas a alta cultura brasileira tinha inclusive um lugar geográfico em que ela podia ser observada, a livraria de José Olympio, onde se encontravam quase diariamente os maiores escritores brasileiros, estavam todos no Rio de Janeiro, os que não viviam no Rio de Janeiro, iam para lá com freqüência. Ali se encontrava Graciliano Ramos, Otto Maria Carpeaux, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado, todos; havia discussões que poderiam até se tornarem muito intensas. Conta-se que várias vezes Otto Maria Carpeaux quis agarrar alguém pelo pescoço; ele era gago, por escrita argumentava muito bem, mas oralmente se atrapalhava, então ele achava que era mais fácil descer o guarda- chuva na cabeça de alguém ou agarrá-lo pelo pescoço. De qualquer modo, o ambiente não era destruído por isso, as pessoas não se afastavam de lá por que tinham alguma divergência. Do mesmo modo, as confrontações de idéias que apareciam ali eram as mesmas que apareciam nas revistas acadêmicas, nos suplementos literários.

Embora houvesse tudo isso, por baixo havia uma espécie de submundo, onde existiam as operações de pura difamação inventadas para fins políticos, e— lamento informar— a culpa disso é inteiramente da esquerda, quem fazia isso era a militância do partido comunista. Para eles, o intelectual é puramente instrumental, o objetivo deles é a conquista do poder e pode-se utilizar a alta cultura como uma espécie de sementeira onde se planta para tentar produzir os efeitos que lhe interessa, mas você não está interessado nela, está interessado na conquista do poder, ela se torna uma preocupação secundária. Pode haver pessoas no movimento comunista que tenham algum respeito pela alta cultura, e que até acreditam que a forma mais perfeita de alta cultura é o comunismo, mas à militância, aos que estavam organizados politicamente, não era isso que interessava. Vemos que naquela época houve uma certa difamação, que foi maciçamente rejeitada pelas pessoas cultas, mas que para a arraia miúda— militância, estudantes— podia funcionar. Uma dessas difamações foi a que se voltou contra o próprio Otto Maria Carpeaux, logo que ele chegou ao Brasil, os militantes do partido comunista espalharam que ele era um perigoso agente nazifascista, quando na verdade ele estava fugindo dos nazistas, que tinham tomado o poder na Áustria, não só por ser um adepto do regime anterior, do chanceler Dollfuss, em favor do qual ele escreveu dois livros e vários artigos de jornal, mas pelo fato dele ser meio judeu, o que era suficiente para comprometê-lo. Oficialmente ele não seria judeu porque ele era judeu por parte de pai, e no mundo judaico a hereditariedade é materna— para ser um judeu autêntico é preciso ter uma mãe judia—, de qualquer maneira, para os nazistas meio judeu era mais que o suficiente para comprometê-lo. Ele então fugiu e pediu socorro ao Vaticano e, com uma carta de recomendação escrita pelo próprio Papa Pio XII a Alceu Amoroso Lima, veio para no Brasil. Alceu Amoroso Lima não lhe deu muita importância, não percebeu que estava lidando com um gênio. Quando chegou um sujeito esquisito, meio corcunda e gago, falando francês com sotaque austríaco, não lhe deu muita importância e arrumou-lhe um emprego numa biblioteca no interior do Paraná— um equívoco, do qual depois, ele se arrependeu muito. Carpeaux estava nessa condição quando, através de Álvaro Lins, consegue um contato no *Correio da Manhã*, e começa a publicar artigos formidáveis, os melhores que escreveu, os primeiros que escreveu no Brasil, que estão nos livros *Origens e Afins* e *As Cinzas do Purgatório,* são as melhores coisas que ele fez no Brasil, imediatamente os militantes do Partido Comunista passam a espalhar no submundo— não em grandes jornais, mas nos seus próprios, pois havia semanários comunistas— essa noção de que ele era um perigoso agente nazifascista. Ao verem que ninguém acreditara, pois todos sabiam a história de Carpeaux e não convenciam a ninguém, eles começaram a fazer o contrário: decidiram usar Carpeaux como instrumento para difamar um outro. Quando veio em visita ao Brasil, onde moraria anos, o grande romancista francês Georges Bernanos,  passaram a Carpeaux, não sei como nem quem foi exatamente o portador, uma série de informações falsas sobre o Bernanos, e Carpeaux escreveu alguns artigos o criticando veementemente. Veja que a própria vitima da difamação poderia ser usada para difamar um outro, porque esses militantes estavam em toda parte, e sempre tinham meios de fazer, através de uma pessoa tida como mais respeitada, uma falsa informação chegar aonde eles quisessem. Esse tipo de procedimento na época era considerado totalmente ilegítimo, era um vexame terrível alguém participar

disso. Mais tarde, os próprio comunistas acharam abominável essa atitude dos colegas de outra geração. Enfim, essa história se esclareceu depois. A questão do Bernanos não se esclareceu até hoje, quem a descobriu foi eu nas minhas pesquisas, mas até hoje não se escreveu nada a respeito dessa intriga na qual Carpeaux foi usado como instrumento. A primeira sim, foi esclarecida e limpa, essa aqui não foi limpa até hoje.

Esse tipo de coisa era anormal. A partir dos anos sessenta, quando se introduzem no Brasil as obras de Antonio Gramsci, o pessoal do partido começa a ser treinado para a idéia de ocupação de espaços e conquista da hegemonia. As pessoas que passam a ocupar os postos nas instituições de cultura, na mídia cultural, na mídia literária, etc., são pessoas que tinham treinamento para fazer esse tipo de operação, e não pessoas de alta cultura, o que é evidentemente o fator imediato que gera toda uma tragédia. O mais característico da estratégia de Gramsci **[00:50]** é o papel que nela têm a mentira e a camuflagem: praticamente é tudo camuflagem, nada pode ser declarado publicamente. Quando ele diz que o partido deve ter autoridade onipresente invisível de um mandamento divino, como um imperativo categórico, então é absolutamente fundamental que, quando as pessoas dêem sua adesão à essa ou aquela crença em particular, elas não saibam de onde veio e que aquilo parece ter sido disseminado espontaneamente no mundo letrado. Esse tipo de truque tornou-se algo normal na mídia. Automaticamente, nesse ambiente a alta cultura é impossível, não existe alta cultura sem um mínimo de sinceridade e sem o respeito pelos seus valores inerentes. Se tudo é instrumentalizado para servir à conquista do poder, então vale tudo, nesse ambiente não é possível uma atividade intelectual séria. Foi isso que matou a alta cultura no Brasil, na verdade foi isso e só isso.
Não que os agentes dessa operação tivessem por objetivo explícito e consciente destruir a alta cultura, eles simplesmente quiseram instrumentalizá-la. De acordo com Gramsci, a única função da intelectualidade é conquistar a hegemonia e trabalhar a estratégia do Partido Comunista para a tomada do poder, não tem outras funções; as idéias de conhecimento, arte, etc., ficam totalmente instrumentalizadas. Embora Gramsci seja conhecido por ser mais democrático do que eram os antigos dirigentes comunistas dogmáticos e ditatoriais, na verdade ele é muito pior do que eles, porque transforma toda a cultura em instrumento, sem deixar nada. Por exemplo, o uso de consultórios de psicologia clínica: alguém os procura para se tratar de uma neurose; o psicólogo no entanto não está interessado em tratá-la, mas sim em mudar o seu sistema de valores. Não que isso seja bom para o paciente, mas será bom para a revolução comunista. Ele não prega comunismo para o paciente, simplesmente tenta destruir certos valores que estejam ligados ao complexo cultural que se deseja destruir.

A prática geral do Gramscismo tornou absolutamente inviável uma cultura superior. Os que se dizem contrários a tudo isso, que se dizem conservadores, liberais, cristãos, etc., acreditam ingenuamente que basta estar contra o comunismo para escapar de tudo isso, o que é absolutamente impossível: eles não passaram quarenta anos pregando o comunismo, eles os passaram destruindo os meios de cultura superior, a própria linguagem, porque, se o essencial na operação é a camuflagem, a linguagem então não pode ser mais

usada como um instrumento para fazer que duas pessoas, um emissor e um receptor, percebam o mesmo aspecto na realidade, a própria figura do emissor e seus objetivos tem de ser camuflados. Fica claro então que é importantíssimo transformar a linguagem num instrumento independente capaz de produzir efeito por si mesmo, sem referência à realidade. Com isso eles corromperam não só a si próprios e aos esquerdistas, mas a todos. Quando se lê a argumentação dos liberais, dos conservadores, etc., no Brasil, você percebe que a maioria usa a linguagem exatamente como os gramscianos os ensinaram: em termos de conteúdo ideológico, eles têm um sinal ao contrário, mas a forma, o esquema lingüístico, lógico é o mesmo.

O conteúdo de uma mensagem pode ser esquecido, mas a forma e o esquema do raciocínio permanecem, e tendem a ser imitados, como um programa de computador, no momento em que você o executa, mesmo que você apague todos os arquivos depois, o programa continua lá do mesmo modo. O cérebro humano funciona de maneira igual, certos esquemas de raciocínio, de percepção, de associação de idéias, permanecem os mesmos, ainda que você mude seu sinal valorativo, mesmo que onde haja o sinal de mais, você o mude para o sinal de menos, o esquema continua igual, o problema é precisamente esse. É isso que destruiu a possibilidade da alta cultura no Brasil. Quando eu gasto a minha atenção com pessoas como o próprio Emir Sader e outros— para não falar de Rodrigo Constantino e similares— dizem que estou discutindo idéias políticas com eles, mas eu não posso discuti-las com essas pessoas, pois elas não tem nenhuma idéia política. Podiam discutir uma idéia política nos anos cinqüenta Júlio de Mesquita Filho e Álvaro Lins, um era esquerdista e o outro direitista, então era possível um confronto de idéias políticas e isso acontecia efetivamente. Mas hoje não é possível, só o que há é o uso da linguagem como instrumento de impregnação de reações mais ou menos automáticas, ela funciona hoje na base do reflexo condicionado.

É claro que eu não estou interessado nas idéias políticas do senhor Rodrigo Constantino ou do senhor Emir Sader, mas apenas no seu *modus raciocinandi*, para estudar o fenômeno social de natureza endêmica, e é só por isso que se pode prestar atenção neles. Quando eu gasto páginas e páginas para desmontar os raciocínios que eles fazem, notem que eu não discuto com eles— embora possa parecer isso e, para efeitos imediatos, este exame possa tomar a forma aparente de uma discussão— mas notem que o conteúdo do que eles dizem jamais me interessa, a mim interessa a forma; porque, se nós não recensearmos todo esse conjunto de cacoetes mentais, continuaremos vítimas deles, raciocinando exatamente como eles, ainda que para dizer o contrário do que eles dizem.

O fato de que essas mesmas deficiências se observem em pessoas de sinais ideológicos opostos, mostra a amplitude do fenômeno. Eu jamais chegarei escrever a *logica brasiliensis*, porque é muita coisa, toda a linguagem de uma época teria de ser analisada. Isso tem de ser um empreendimento coletivo, todos vocês têm de prestar a atenção nisso, e nós temos de fazer com que a próxima geração não seja contaminada por ela. Temos de restaurar o uso saudável da linguagem, um empreendimento no qual todos vocês estão envolvidos pelo fato de serem alunos deste curso.

Hoje mesmo coloquei no meu *site* uma “resposta” a um sujeito que disse meia dúzia de besteiras para me provocar, dizendo que eu só citava partes, que nunca transcrevia algo por inteiro; ao que respondi que, se transcrevesse o que ele disse por inteiro, seria pior para ele, eu teria de analisar linha por linha, algo sádico. Como fosse tantas vezes acusado de bater em crianças, abusar de menores de idade intelectuais, perguntei porque ele me pedia para cometer esse crime novamente  logo contra ele. Dada a insistência, eu o faria. Em algum ponto, ele usava um argumento como os que eu citei. **[01:00]** Justamente pelo caso se referir a um assunto sem importância nenhuma, eu fiz questão de explorá-lo, pois quanto mais simples o conjunto de fatos envolvidos, mais fácil é mostrar o esquema argumentativo, mental, por trás dele. Ao passo que— tratando-se de um assunto mais complexo— a análise da linguagem pode se confundir com a das idéias subentendidas, mas não aqui.

Houve um sujeito que disse que— quando eu morava em Curitiba— morava de favor na casa de um amigo, algo de que eu não me envergonharia, embora não tenha acontecido. Eu disse que, ao contrário, havia alugado aquela casa e tinha feito um contrato em uma imobiliária,  no que ele voltou a insistir, dizendo que  quem lhe dissera isso foram os editores do *Mídia Sem Máscara* Paulo Diniz Zamboni e Eduardo Wolf. Perguntados se haviam feito essa afirmação a ele, ambos responderam negativamente, dizendo que jamais diriam uma coisa dessas e que ele era louco*.* Publiquei então as respostas deles, demonstrando que as testemunhas que ele invocara o contradiziam. Apareceu então um terceiro dizendo que eu só publicava o que me convinha, se os editores do *Mídia Sem Máscara* tivessem me respondido afirmativamente*,* eu não publicaria suas respostas*.* É  incrível, porque eu disse o que as testemunhas convocadas pelo acusador disseram: ele os convocou como testemunha de acusação, e eles desmentiram a acusação. Este sujeito diz então que se eles confirmassem a acusação, eu não publicaria suas respostas, o que é uma hipótese, é possível que eu o tivesse feito, mas não se sabe. Mas como se pode alegar uma hipótese contra um fato?

Alegar hipóteses contra fatos no Brasil tornou-se endêmico e obrigatório. Em todas as discussões que houve sobre o Foro de São Paulo, isto acontecia a toda hora, interpretações do tipo: “Você acha que esses comunistas vão fazer tal coisa?” Respondi não achava, eu tinha dito que eles fizeram, não é uma conjectura o que eu  estava fazendo, era um fato do passado. Como se pode tentar impugnar um fato do passado com uma conjectura do futuro? O número de pessoas que tentou, como se fosse o argumento mais normal do mundo, foi muito grande. No caso a que me referi, o sujeito acha que os testemunhos que eu publiquei não valem, porque, se fossem diferentes, eu não os publicaria. Isto quer dizer que o errado não é acusar sem provas, mas defender-se com elas, aliás a prova de que é errado é que, se eu não tivesse as provas, não as mostraria. É algo claramente psicótico, mas isto se disseminou no Brasil de uma maneira impressionante. As pessoas acham que é normal. Quantas vezes você mesmo não usou argumentos desse tipo? A tentação de usá-los é muito grande, porque, se você quer vencer uma discussão, a própria raiva que você tem do seu adversário lhe sugere esquemas argumentativo instantaneamente, com uma rapidez e um automatismo incrível, a primeira tendência é sempre inverter: usar a mesma frase para dizer o contrário. Nesta base, as pessoas

não apenas se deseducam, mas elas usam estruturas lógicas como instrumentos de defesa contra a consciência que poderiam ter do que elas mesmas estão fazendo.

Outra coisa que aconteceu no mesmo debate: o sujeito me acusou de várias coisas e— quando dei o exemplo de um outro que me havia acusado das mesmas coisas e que, uma vez demonstrado que ele estava errado, me pediu desculpas— , ele já tinha chegado à conclusão de que eu exigia um pedido de desculpas dele, querendo que ele se ajoelhasse diante de mim, acusando-me de ser um inquisidor. Se quem faz a acusação é ele, como poderia ser eu o inquisidor? Porque ele imaginou que eu quisesse forçá-lo a um pedido de desculpas,  o que eu não exigi de ninguém, o outro as pediu porque quis, aliás, nem esperava que ele o fizesse. Como ele poderia supor que eu quisesse uma genuflexão da parte dele? É apenas uma suposição, mas que para ele tinha credibilidade imediata. Quando não se gosta de uma pessoa, o que quer que você pense contra ele lhe parece real naquele momento, você então enumera todos os palavrões do idioma— cada um dos quais corresponde a uma conduta maligna— e, não querendo usá-los, você o acusa de todas aquelas condutas malignas; se não chega a fazê-lo verbalmente, pelo menos mentalmente você acredita em tudo aquilo.

Isto acontece não só em discussões de *internet,* como também em artigos da *Folha de São Paulo*— às vezes até de autores estrangeiros—que são selecionados precisamente por fazerem o mesmo que eles fazem. Outro dia me enviaram um artigo de Robert Kurz, de 1997. Robert Kurz faz um esforço monumental para demonstrar que o descrédito do marxismo é um argumento para se fazer do socialismo, ele já é um socialista pós-marxista. Nesse artigo ele tentava dizer que a origem do capitalismo moderno vem da indústria bélica, quando se formaram os estados modernos, estes precisavam de armas de melhor qualidade, às quais as pessoas comuns não pudessem ter acesso, sobretudo armas de fogo, foi isto que teria criado o capitalismo. Ora, a economia que fundamentou isto não é uma economia capitalista, mas sim mercantilista, centrada no Estado. Se o Estado queria justamente criar armas de fogo que fossem mais complicadas e mais difíceis de manejar, às quais a população geral não pudesse ter acesso, às quais só os especialistas pudessem ter acesso, é evidente que se tratava de um monopólio estatal dessas armas. Ele confundiu a origem do Estado moderno com a origem do capitalismo, o qual é muito anterior a isso; mas se é para criticar capitalismo, vale tudo. Naquele artigo se via que Kurz estava persuadido disso naquele momento, talvez no dia seguinte ele mudasse de idéia, mas naquele momento lhe pareceu uma boa idéia. A *Folha de São Paulo* gosta tanto de Robert Kurz porque ele pensa como um dos seus articulistas. O material estrangeiro que se publica no Brasil corresponde à *forma mentis* do jornalismo brasileiro, é muito bem selecionado, nas publicações que saem não se tem uma visão geral do debate americano, mas só daqueles pontos que coincidem com a *forma mentis* brasileira, de forma que até o material estrangeiro sirva para isolar o Brasil um pouco mais. Um artigo como esse de Kurz nos Estados Unidos teve cinqüenta respostas das mais diversas, imediatamente. No Brasil nada tem resposta, e quando tem, é mais ou menos do mesmo nível.

Também graças a essa disseminação do Gramscismo, se tornou normal no Brasil, [01:10] acreditar que todo mundo que opina sobre alguma coisa é agente de uma força política. Ora, nos anos cinqüenta e sessenta, os grandes intelectuais que havia podiam até acidentalmente favorecer uma ou outra força política: Graciliano Ramos era um militante do Partido Comunista, mas tudo o que ele escreveu, ele o fez porque achou que era certo, e não porque ajudaria o Partido Comunista. Se fosse atrapalhá-lo, escreveria do mesmo modo; ele mesmo, dentro do partido, tomou várias atitudes contra os dirigentes por causa das quais teve vários problemas. Paulo Mercadante, que era seu melhor amigo, contou todos os detalhes, todo o material dele foi usado na biografia do Graciliano Ramos escrita pelo Denis de Moraes, eram todas informações do arquivo de Paulo Mercadante. A atividade de alta cultura era uma coisa e militância política era outra. As atividades militantes tinham de se submeter às regras da alta cultura, caso quisessem utilizá-la para alguma coisa, e quando falhavam a elas, a unanimidade da intelectualidade rejeitava aquilo como uma baixaria inadmissível, baixarias que hoje se transformaram na regra. Se você continua falando na clave em que falavam aqueles intelectuais dos anos cinqüenta e sessenta, as pessoas vão interpretá-lo exatamente como um agente político, como eles mesmos são, se não houver nenhuma organização por trás de você, elas inventam. Quantas pessoas não disseram que eu sou um agente da *Opus Dei*? Mais tarde eu tive entrevero com a *Opus Dei* e acharam que eu fosse agente de outra organização. As pessoas não são capazes de conceber mais o que é a simples atividade intelectual normal, uma iniciativa que é perfeitamente individual. Eu lhes digo que é importante fazerem um voto de abstinência em matéria de opiniões, porque entrar nesse tipo de discussão só pode viciá-los. Note bem: esse material que circula na *internet* não é para ser discutido, você não pode discutir uma coisa dessas, mas analisá-la como fenômeno sociológico. Se você sente o impulso de discutir aquilo, já entrou no canal errado; nunca se pode discuti-las, há opiniões que são discutíveis e outras que não. Essas todas às quais me refiro são indiscutíveis; não se pode as opiniões do doutor Emir Sader porque elas não são opiniões, são mero impressionismo verbal, se você deseja discuti-las, ou refutá-las, já está falando na clave errada. Elas só podem realmente ser analisadas como fenômeno sociológico, ou psicopatológico. Quando o interessado — o autor— ler o que você escreveu, ele achará que você está discutindo com ele e o refutando, não entenderá em que clave você está falando, como também, muitas vezes, observadores ou terceiros. Muitas vezes algumas pessoas bem intencionadas reclamam que eu discuto com pessoas que não merecem atenção, mas a merecem justamente por serem mostruário do fenômeno que eu desejo estudar, merecem toda a atenção do mundo, não aquela de uma discussão, e sim a atenção de uma análise; mais ainda, a análise desses fenômenos é a coisa mais importante que se pode fazer no momento. Dizem que eu discuto com Rodrigo Constantino, Anselmo Heidrich, Janer Cristaldo, o que não faço absolutamente, nem se quisesse conseguiria; eu os analiso como sintomas de uma situação. Não consigo entender que haja outra coisa sociologicamente que pudesse ser mais importante no Brasil de hoje, porque este novo sistema de argumentação, de persuasão, que funciona hoje no Brasil é a malha de impedimentos para que a inteligência das pessoas se desenvolvam. Como eu poderia tentar ajudar as pessoas a ficarem mais inteligentes para compreenderem a realidade, sem primeiro desmantelar essa

malha nó por nó? Essas análises são obrigatórias. É um assunto muito desagradável e trabalhoso, porque a característica desse tipo de mentalidade doente é ver as coisas muito compactamente, por impressões subjetivas onde se aglomeram vários maus sentimentos, todos condensados, e quando ele expressa isto numa forma que lhe parece uma afirmação lógica, na verdade sem lógica alguma, trata-se não de uma idéia, uma convicção, que ele tenha— como no caso que eu citei entre acusado e acusador—, mas sim de um mau sentimento absurdo que está sendo expresso, que, se percebido, far-lhe-ia sentir-se envergonhado e nunca dizê-lo em voz alta, mas para o qual no momento ele conseguiu uma camuflagem lógica. Para demonstrar o que se passou, você tem bastante trabalho, como durante uma análise psicanalítica: uma linha da narrativa de um sonho pode demandar várias páginas de análise, até você trazer à luz todos os elementos que estão subentendidos. Essas coisas são bastante trabalhosas e existe uma técnica para fazê-las, que é a técnica dialética tradicional: buscar as premissas implícitas no discurso do indivíduo. Se ele as explicitasse, desistiria delas imediatamente, por isso mesmo, o indivíduo cria uma premissa absurda, em seguida a esquece e raciocina com base nela. Esse tipo de raciocínio tem a estrutura de uma neurose, que— como diria o meu amigo Juan Alfredo César Müller— é a mentira da qual você já se esqueceu, mas sobre a qual você continua raciocinando e tirando conclusões, a mentira esquecida serve como premissa. A análise dialética desses escritos ou afirmações permite descobrir qual é a premissa oculta que está neles: se alguém disse tal coisa, para dizê-la, tem de acreditar em tal outra, que funciona como premissa ou base de prova daquilo. Quando você explicita essas premissas implícitas, é que se vê a gravidade do fenômeno, um fenômeno realmente psicopatológico. É isto que eu tento fazer com esses textos que analiso: extrair dali as premissas implícitas e demonstrar que elas estão não só nas cabeças do senhor fulano ou beltrano, mas que se disseminaram pela sociedade. Justamente por serem premissas implícitas, elas têm, como diria Antonio Gramsci, a autoridade onipresente e invisível de um mandamento divino, de um imperativo categórico. É a esta autoridade invisível que temos de dar visibilidade **[01:20]** para poder implodi-la: demonstrar que a premissa fundante de certas idéias é uma absurdidade, uma loucura, que não tem poder fundante nenhum e o que quer que se deduza dela é besteira. Eu não nego que, embora possa ser uma ocupação tediosa, pois requer muita atenção, às vezes se torna muito interessante num sentido clínico, que, por sua vez, é até um pouco perverso.

Não me lembro se já lhes contei a história de um congresso de dermatologia ao qual eu fui, em que havia um professor do nordeste, que levou vários de seus pacientes e colocou cada em uma baia para que os médicos os examinassem, havia pacientes com pênfigo foliáceo, com lepra, e outras tantas doenças, algo horrível. Então um médico olhou-os e subiu ao palco entusiasmado, dizendo que gostaria de cumprimentá-lo pelo maravilhoso museu patológico, ele se entusiasmara com aquilo! Às vezes eu também fico entusiasmado com essas patologias, pelo seu número e pela sua onipresença no debate público no Brasil. Ainda que seja uma coisa extremamente trabalhosa e tediosa, temos de analisá-las uma a uma— infelizmente não dá tempo de analisar todas— mas a atenção permanente a elas coisas faz parte dos estudos em que vocês estão empenhados neste curso; para fazê-lo, é preciso que durante algum tempo

você se abstenha de participar das discussões. Você tem que adquirir uma distância tamanha em relação ao que estas pessoas estão falando, tal que você possa analisá-las com a isenção de alguém que examina um pedaço de fezes num laboratório de análise clínica. Mas, por maior que seja sua isenção, na hora em que você disser que fezes são fezes, as pessoas dirão que você está as insultando e acharão que você está participando daquele “debate” com a mesma paixão das outras pessoas envolvidas. O que você fizer vai ser confundido de qualquer maneira: a incompreensão hoje em dia é quase inevitável, a não ser que consigamos criar para uma outra geração, um público um pouco mais apto, o que significa também um público mais letrado. No entanto, é claro, que mesmo pessoas bastante letradas incorrem nisto. E por quê? Eu encontro muitos deles na *internet*, jovens que leram várias coisas, sobretudo autores estrangeiros, e que discutem as últimas novidades da literatura universal e citam autores, etc., mas, por trás de toda essa cultura aparente existe a mesma imbecilidade, a mesma incapacidade de perceberem o que estão falando. É simples porque isto acontece: eles perderam o fio da meada da história do próprio meio cultural e mental no qual estão envolvidos; se eles foram educados dentro dessa linguagem, que é a única que existe hoje, e começam a ler este autor, aquele outro, os grandes autores contemporâneos, eles se atrapalham, criam instrumentos tão requintados de dizer besteira que se tornam dificílimos de serem analisados. Muitas vezes alguns rapazes, que entram numa escola de filosofia e leram Kant, William Quine, todos os autores, levantam certas discussões em que usam instrumental filosófico em cima de uma base perceptiva realmente imbecil, que eles nem sabem que é imbecil.

Veja que a língua na qual você fala é o grande instrumento de percepção que você tem, aquilo que não está no seu idioma usual, você só percebe se for um gênio, somente um deles percebe coisas que ele não tem palavras para expressar, então presta atenção reiteradamente até achá-las. Para a maioria das pessoas— inclusive os próprios gênios em tudo aquilo no qual eles não são geniais— dependem do estado da língua, do estado do idioma. O que vocês têm de fazer então é ler os autores brasileiros da época em que os havia e acompanhar a transformação do idioma para verem em qual capítulo da história vocês entraram, porque a língua na qual você é educado, na qual recebe a educação, não só escolar, mas a que vem pela TV, pelo debate público, etc., sempre lhe parece a língua normal e geral. Se ela estiver completamente estragada, você será estragado junto, a não ser que se restaure a língua a um estado normal, mas para isto você precisa perceber o que eu disse. Desistam de adquirir alta cultura sem restaurar a capacidade normal do idioma. Para isto só tem um jeito: vocês reconhecerem que não nasceram no vazio, mas dentro de uma situação histórico-social específica, definida por certas constantes, a qual é de uma degradação lingüística e mental fora do comum. Eu recomendo muito a vocês lerem os melhores autores do período histórico imediatamente anterior e aprenderem a escrever como eles, porque a linguagem deles ainda é compreensível, mas é desconhecida.

Quando comecei a escrever artigos de jornal, tive de dar tratos à bola para achar uma linguagem apropriada, porque eu tinha aprendido a escrever com os escritores que estavam em voga no momento em que eu acordei para estas

coisas, quando tinha quinze ou dezesseis anos, e comecei a me interessar pela cultura superior. Quem escrevia em português naquele momento era justamente essa geração que eu mencionei: Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, etc.. Notem bem: eu me refiro sobretudo a autores que não são de ficção, pois para o debate público a linguagem dos romances e poemas é de pouquíssima utilidade, é necessário ver como se expressavam idéias, foi com eles que eu aprendi a escrever. Embora eu percebesse que os esquemas verbais deles ainda eram compreensíveis, em vários pontos eles podiam criar equívocos, porque as pessoas não estavam acostumadas a eles; então eu tive de fazer uma série de adaptações, tomar inúmeros termos da gíria dos jovens, e mesclá-las com aquilo de algum modo. Eu acho que encontrei a fórmula, porém não no sentido de ser universalmente compreendido, mas no sentido de que as confusões que as pessoas criem em torno do texto já estejam previstas no próprio texto; antecipadamente o texto já tem a vacina para todas as confusões que se possam fazer em torno. No caso de aparecerem confusões, o que acontece necessariamente, sempre será possível trazer o leitor de volta aos pontos que ele perdeu ou deformou completamente no texto. Tudo o que eu escrevo é mais ou menos calculado para isto, leitores que já são meus alunos há bastante tempo já o perceberam: por exemplo, um artigo de jornal, ele tem uma série de ramificações em tudo o mais que eu escrevi e ensinei, mas o leitor de primeira viagem não pode saber disto.

No Brasil a atitude normal do leitor de hoje é **[1:30]** achar que o autor só sabe aquilo que ele escreveu naquele ponto, ele não procura as premissas ocultas, não declaradas— que o autor precisa saber ou aceitar para dizer o que disse— simplesmente não sabe fazê-lo. A algumas aulas atrás, eu dei daquele exercício da leitura lenta, de deixar que o texto impregnasse a sua imaginação e provocasse mil e uma evocações, foi porque este é o começo da investigação das premissas ocultas. Se não é feito este trabalho imaginário, não há como procurar outras camadas de significado mais profundas que possam estar embutidas no texto.

Eu vejo que freqüentemente, hoje em dia, nem mesmo as alusões são compreendidas. Quando se escreve uma frase usando uma estrutura que é clássica no idioma, porque foi consagrada num poema, às vezes as pessoas simplesmente não compreendem que é uma alusão. No prefácio d'*O Imbecil Coletivo* usei o termo "rude e tosca escritura", tirado do clássico de Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*— um grande livro da língua portuguesa—, e lembro que naquele parágrafo eu coloquei quatro ou cinco alusões desse tipo, que normalmente o público letrado reconheceria imediatamente. Mas quantas pessoas na nossa geração leram Fernão Mendes Pinto? Ninguém mais leu. Nos anos cinqüenta, qualquer escritor que publicasse um artigo em um suplemento cultural sabia que tinha um público que havia lido mais ou menos as mesmas coisas que ele próprio leu e que essas evocações seriam absolutamente obrigatórias, havia um auditório que as sabia ler, com o qual se podia contar. Uma alusão tem duas camadas de sentido: o imediato, ao qual você está se referindo, e a impregnação pelo sentido antigo, tal como ela foi colocada no clássico. Fazer uma síntese entre duas camadas de sentido, dominar esta dupla camada é, exatamente, compreender o texto. Como o público qualificado desapareceu, eu só coloco essas alusões porque sei que tenho alunos para os

quais eu posso ensinar essas coisas; mas sei que o restante do público não vai entender. Cada artigo meu, cada linha que eu escrevo, também tem duas camadas de sentido, pelo simples fato de que vai ser lido de uma maneira pelo público em geral e de outra pelo grupo de alunos, sem contar um ou outro remanescente de outra geração como Paulo Mercadante ou Meira Penna, que ainda são capazes de ler como se lia nos anos cinqüenta.

Restaurar essa capacidade de leitura de uma geração anterior é nossa obrigação; porém, não podemos restaurá-la na sociedade sem primeiro restaurá-la em nós mesmos. Se isso já é obrigatório para os debates públicos em geral e para as obras literárias, para os textos filosóficos é infinitamente mais necessário, pois a compactação de um texto filosófico é algo absolutamente alucinante: a quantidade de conhecimentos dos quais você pode necessitar para entender uma única linha de um filósofo é muito grande. Nunca se pode esquecer que, como dizia Hegel, a ave da filosofia, a coruja, só levanta vôo ao entardecer, ou seja, a filosofia é uma reflexão sobre a cultura que já existe e já existiu, pressupõe que o seu leitor tenha, de certo modo, uma visão geral dessa cultura, sem a qual ele não vai entender do que o filósofo está falando. Ensinar filosofia para crianças é absolutamente impossível, pois sem uma idéia do material da sua cultura, não há como saber o que a filosofia está discutindo; as palavras, os termos que o filósofo usa, serão compreendidos apenas no seu sentido dicionarizado e estável, sem as nuances que eles adquirem dentro da situação histórica concreta à qual o filósofo se refere. A filosofia é uma atividade para pessoas de muita cultura, capazes de ver pelo menos sua própria cultura como um todo, nas suas linhas gerais, e de raciocinar sobre o conjunto dela. De certo modo, a filosofia é uma reflexão sobre a totalidade da experiência humana, totalidade que não podemos ter; então ficamos com esta sua condensação: a alta cultura existente. E, mesmo desta, nós não podemos dominar o conjunto, então temos que adquirir aqueles pontos que são essenciais, que resumem o resto. É esse o significado de dizer que um escritor é representativo: em sua obra se condensam preocupações gerais que estão disseminadas de maneira menos clara em inumeráveis outras obras.

Sem a aquisição da cultura da geração anterior, vocês não irão a parte alguma. Essas leituras devem ser consideradas absolutamente obrigatórias, são muito mais importantes do que ler os grandes autores estrangeiros do momento. Há tempo para você lê-los. Mesmo os autores estrangeiros que são de uma geração anterior, mas são pouco conhecidos no Brasil, não têm importância neste momento do curso. Vocês não têm que estar atualizados. A atualização vem depois. Ela é uma atividade constante do profissional de uma área, não de quem está se formando.

Houve uma época em que eu trabalhava em uma revista de educação chamada *Sala de Aula*, da fundação Victor Civita, e todos os professores, educadores, pedagogos, todos que davam palpite, diziam que era muito importante manter o ensino de ciências nas escolas secundárias atualizado com a pesquisa científica atual. Eu não vou analisar a afirmativa, mas farei uma contrária e, pelo contraste, vão perceber tudo o que eu quero dizer: só tem importância estudar nas ciências aquilo que não será abalado ou

modificado pelas próximas pesquisas. É necessário conhecer a lei da gravitação de Newton, porque ela não será alterada; certa ou errada ela continuará a mesma. Mas o estado atual das pesquisas, atual deste ano, desta semana, deste dia, quanto tempo ele dura? Daqui a quinze ou vinte anos, quando o aluno que está sendo formado se tornar ele próprio um cientista profissional, essas idéias científicas de hoje já terão sido esquecidas. Manter o ensino em dia com a pesquisa é a coisa mais estúpida que pode haver, pois toda ciência tem um conjunto de elementos que é mais ou menos estável e durável, e outro que é, por assim dizer, de alta rotatividade, que são as pesquisas que entram e saem. Evidentemente, só nos interessam os primeiros elementos. Essa idéia é o tipo de *topos* que se impregnou de tal modo na mente dos educadores brasileiros que parece, na verdade, auto-evidente, o que ela não é, nem verdade é.

Imaginem a quantidade imensa de normas, regras, que foram se impregnando na educação, na mídia, nas conversações, no ensino, **[1:40]** e que hoje formam, por assim dizer, a cosmovisão brasileira. Tudo isso é o que nós teremos de mudar, teremos de criar uma nova cultura superior, mas, para criá-la, teremos de nos apoiar nos últimos que conseguiram criar uma cultura superior. Eu comecei a minha educação lendo a *História da Literatura Ocidental*, de Carpeaux, anotando os nomes dos autores e os títulos dos respectivos livros e depois os lendo. Na verdade eu não terminei até hoje, porque ele cita mais de três mil autores, cada um com dez ou vinte livros. O quanto disso eu consegui ler na minha vida? Um pedaço, mas um pedaço suficiente para eu ter uma visão do que é a história literária do mundo: quem aprendeu com quem, quais são diferenças de tradições de aprendizado literário; como dizia o T. S. Eliot, a literatura é uma tradição, onde um aprende com outro, que aprende com outro, e assim sucessivamente. Se você não é capaz de captar esta linha de aprendizado até o estado atual da arte, você não sabe o que está lendo.

Toda obra literária tem alusões a muitas outras anteriores, por isso que Jorge Luis Borges dizia que para entender um único livro é necessário ter lido muitos outros. Durante algum tempo vocês vão ler sem entender nada, mas não tem problema, vocês estão acumulando material, vocês têm que acumular na memória primeiro; decorem muitos poemas, decorem muitas músicas. Eu mandei meus alunos ouvirem a quinta Sinfonia de Beethoven até que conseguissem assobiá-la inteira, do começo ao fim. No começo eles acharam esquisito, depois que fizeram eles viram o bem que fazia. Quantas estruturas musicais eles não absorveram ali que depois tornaram mais clara a audição de outras músicas? Decorar textos é importante, para que você possa perceber o que é a sua estrutura verdadeira; quanto mais poemas vocês decorarem, mais facilmente lerão outros poemas, porque, mesmo que vocês não estejam pensando nas palavras do poema que decorou, aquela estrutura está lá e criam analogias com o que é lido em seguida. É assim que se faz.

Abstinência em matéria de opinião não significa não ter opinião nenhuma, significa jamais entrar nestes debates no nível em que eles estão colocados, porque não interessa vencer estas discussões. Para que serve vencer a discussão com um idiota? Não é nada de honroso. Vocês pensam que eu estou muito orgulhoso de ter discutido com o Rodrigo Constantino? Mostrei que ele

era um idiota, provei que dois mais dois são quatro.  Evidentemente ele é um imbecil, que não tem capacidade para discutir comigo; nem ele, nem Alaor Caffé, nem Emir Sader. Não há mérito nenhum nisso, mas eu não faço isso por mérito, nem para ganhar discussão, mas para coletar material e mostrar às pessoas a impregnação mental que existe de uma linguagem decadente, estragada e perigosa, operação que vocês mesmos têm de aprender a fazer para seu próprio proveito, cada um para si e se puderem trocar informações uns com os outros, tanto melhor.

**[Intervalo]**

Antes de passar às cartas eu queria ler um trecho do *Didascalicon*, de Hugo de São Vítor, para ilustrar uma coisa que eu disse para vocês aulas atrás:

> “Há muitas pessoas que a própria natureza deixou tão desprovidas de capacidades, que têm dificuldade para entender até as coisas fáceis, e destas pessoas parece-me haver dois tipos.
>
> Há alguns que, mesmo não ignorando os seus próprios limites, buscam o saber com tal afinco e insistem tão obstinadamente no estudo, que merecem obter, por obra da vontade, aquilo que não obteriam pela eficácia do estudo em si.
>
> Mas há outros os quais, sentindo que nunca poderiam compreender as coisas altíssimas, desprezam também as coisas mínimas e, como que repousando em seu próprio torpor, tanto mais perdem a luz da verdade nas coisas sumas, quanto mais fogem das coisas mínimas que poderiam aprender.” (Hugo de São Vitor, *Didascalicon: A Arte de Ler.* Tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes.)

Esse é o tipo do texto em que o método da leitura lenta, da impregnação imaginativa, é muito importante, porque os autores antigos escreviam de uma maneira extremamente compacta e suas intenções vão tão longe, como que em círculos concêntricos, que muitas vezes eles estão dando soluções antecipadas de problemas que aparecerão mil anos depois.

Quando se dissemina no mundo editorial, estudantil, etc., a famosa idéia de que não há verdades absolutas — que em si é uma frase oca, enquanto uma afirmação objetiva ela não significa nada, mas muito enquanto expressão de um sentimento— o que as pessoas estão querendo dizer é exatamente o que Hugo de São Vítor disse:  as pessoas procuram a verdade nas coisas mais altas e mais difíceis, nas mais universais; e não as encontrando facilmente, desistem das verdades que já sabem num plano mais modesto. Quando, metodologicamente falando, deveriam fazer exatamente o contrário: concentrar-se nas verdades mínimas, as mais modestas, para adestrar a sua capacidade de apreender e aceitar verdades. Por isso o método da confissão, da sinceridade, é absolutamente necessário: se você não é capaz de encontrar a verdade nem mesmo nas suas próprias ações mais imediatas, que outras verdades espera encontrar? Se você começa por falsificar a sua própria situação existencial, dizendo que não há verdades absolutas em geral, mesmo se, ao agir de tal ou qual maneira, você teve uma intenção e sabe a qual foi,

ainda que não possa contar a ninguém, não será isso uma verdade absoluta, será isso relativo apenas? Não há aí relatividade alguma. A confissão dos seus próprios pensamentos para si mesmo lhe traz uma espécie de certeza imediata que você não pode negar. Raciocinando dentro de uma linha cartesiana: o que você pensou pode ser mentira, mas o fato de que você pensou não pode mais ser negado depois de pensado. A sua autobiografia interna e externa é a coisa mais fácil de conhecer. Como dizia Giambattista Vico, conhecemos melhor aquelas coisas que nós mesmos fazemos.

Para você se adestrar para investigar a verdade nos planos mais altos, convém começar pelas mais modestas e que digam respeito àquilo que você mesmo fez. Se você não estiver extremamente adestrado para isso, não tem a menor idéia do que é investigar a verdade em plano algum. Estas coisas modestas, a que se refere Hugo de São Vítor, não são só banalidades do cotidiano, são as verdades que estão mais próximas de você, e não há outras que estejam mais próximas que aquelas que se referem ao que você mesmo quis, pensou, desejou, etc.. Se você não é capaz de se orientar na barafunda dos seus próprios desejos e sentimentos e dizer claramente para si o que você mesmo quer, como vai se orientar nas grandes questões da filosofia sem nem saber quem você é? Isso é algo básico. No entanto é possível ler este primeiro parágrafo sem reparar na tremenda gravidade do que ele diz, pois ele o expressa de uma maneira tão simples, que você é capaz de passar por esse parágrafo esperando coisas mais importantes que ele dirá em seguida: você cometerá na própria leitura o erro mesmo que ele aponta. Se ele mandou prestar atenção nas coisas mínimas, **[1:50]** é melhor começar por esta que ele está dizendo. Quando você começa a deixar a sua imaginação se impregnar disso, começa a lembrar e ver a facilidade com que você mesmo parte para a discussão das coisas mais altas e complexas, sem antes ter sequer tentado conhecer a verdade nas coisas mais próximas, então você entende a gravidade extrema do que ele está falando.

Quando alguém lhe disser que não há verdades absolutas, pergunte se ele não conhece nenhuma verdade que o seja de maneira inegável. Qual é o sentimento que o leva a dizer o que ele está dizendo. Ele sabe qual é esse sentimento? Algum ele tem, será que o conhece? É claro que ele o conhece. Ele nada sabe a respeito dele? Quando ele percebe a intenção com a qual está dizendo algo, não há mais como escapar dela; então eis aí uma verdade absoluta que ele conhece, não é alguma que você conheça. Uma verdade absoluta não precisa ser universal e necessária, basta ser uma verdade que não possa ser contraditada por nenhuma outra. Aquilo que é estritamente verdadeiro no seu próprio plano é uma verdade absoluta. Por que as pessoas, quando querem descobrir verdades absolutas, não procuram verdades absolutas, mas verdades universais? Estas são mais difíceis, porque não procurar uma verdade absoluta que elas já conheçam? Procure algo que você saiba a respeito de si mesmo e em seguida tente negá-lo. Para negá-lo, você precisa construir toda uma falsa história. Será que você não sabe distinguir entre a história verdadeira e a falsa, entre a narrativa do que se passou e a que você inventou no momento, será que você não sabe discernir essas duas coisas com uma distinção total, absoluta e incontestável? Claro que sabe. Quando você diz que não há verdades absolutas, o que quer dizer no fim das

contas é que pode reinventar a sua própria história a qualquer momento, do jeito que quiser: você está afirmando o seu direito de mentir. Porque você o faz? Porque você está com problemas consigo mesmo, se odeia, se despreza, tem vergonha de si mesmo, e então quer mostrar que é importante.

Tudo isso está embutido no parágrafo de Hugo de São Vítor. Quanto mais você deixá-lo produzir efeito na sua mente, mais vai descobrirá novas profundidades nesse simples parágrafo. Esse livro, principalmente esses parágrafos iniciais, tiveram um efeito monstruoso em mim, um efeito realmente estruturante. Mais tarde, nós leremos um texto em que ele fala como a humildade é necessária para o estudante, e vocês verão como muito do que eu chamo de meu método não é meu, Hugo de São Vítor  já havia dito isso, embora não o parecesse, ele falou muito menos do que isso, mas isso tudo já estava embutido lá, assim como a Teoria dos Quatro Discursos já estava toda embutida em Aristóteles. A leitura de um livro filosófico gera filosofia dentro de você e é assim que se faz: você deixa que o seu espírito seja fecundado por estas grandes mentes filosóficas do passado, de modo que você prossiga o trabalho delas e se encaixe em uma tradição.

*Aluno: Quando Eric Voegelin, no volume II de Ordem e História, analisa a passagem dos discursos, desde os mitopoéticos de Homero e Hesíodo, passando pelo apelo à persuasão para a instituição social e política da Polis, que veio com a sofística, e mais tarde chegando à dialética aristotélica como resposta a isso, pode-se dizer que é uma interpretação coerente com a sua Teoria dos Quatro Discursos? Caso seja, foi dessa passagem que você iniciou o estudo para sua teoria?*

Olavo: Foi justamente o contrário. Eu simplesmente não conhecia Eric Voegelin na época em que eu estava tratando da Teoria dos Quatro Discursos. A investigação foi por uma linha completamente diferente, a partir de uma espécie de impregnação imaginativa dos textos de Aristóteles, em que eu me perguntava o que mais Aristóteles precisaria saber para dizer o que disse: tentando ler o texto— não apenas como texto, mas como expressão de uma consciência humana real de um sujeito que realmente existiu—,tentando dar realidade de percepção àquilo que estava ali colocado em linguagem expositiva. Assim eu cheguei a ela.

Quando mais tarde eu li Eric Voegelin, percebi que ele, ao descrever um processo histórico, estava apenas mostrando algo que se passou em determinado lugar, e não estava enunciando uma regra geral, a qual eu já tinha descoberto em Aristóteles. O que Eric Voegelin diz que aconteceu, não somente aconteceu, mas não podia acontecer de outra maneira: se você examinar uma cultura que teve um desenvolvimento mais ou menos independente— que não sofreu impacto de uma cultura externa, ou seja, que se desenvolveu por seus próprios recursos, como é o caso da cultura grega, que, embora no início tenha recebido um aporte egípcio, teve um desenvolvimento autônomo identificável, você pode escrever uma história do pensamento grego baseado só em documentos gregos— fica claro que não pode se formar um ambiente de discussão pública, política, por assim dizer, se não houver uma certa comunidade de sentimentos, um senso de identidade do

grupo social. Esse senso de identidade só pode se formar através do elemento mitopoético, da narrativa das origens, etc. Então não haverá discussão retórica antes da mitopoética, muito menos pode haver análise dialética, se antes não existe a retórica, porque aquela não é senão o exame sistemático dos discursos retórico: sem discursos retóricos para examinar, não há a dialética. Menos ainda pode surgir em seguida uma ciência da lógica analítica, que não é senão a codificação final dos resultados da dialética. Isso não foi um processo histórico somente, mas a expressão de uma necessidade inerente à própria potência humana do discurso.

Quando eu expus isso para quem fez a revisão da tradução inglesa da minha Teoria dos Quatro Discursos— uma senhora chamada Jodi Cockerill, que foi uma das editoras das obras completas do Eric Voegelin, umas das pessoas que trabalharam em profundidade com os textos de Voegelin, quem eu conheci através de Frederick Wagner, aluno e amigo pessoal de Voegelin, um grande conhecedor de sua obra, e através do pessoal do *Eric Voegelin Forum* —, todos eles repararam que aquele estudo dava uma solidez muito maior ao que Voegelin dizia, eu tinha ajudado a embasá-lo.Voegelin tinha mais razão do que ele mesmo pensava. É assim que se faz, cada um coloca um tijolo.

A partir de *Ordem e História* **[2:00]** jamais poderia chegar a essa conclusão, somente pelo exame direto das obras de Aristóteles. É curioso que Voegelin também leu bastante Aristóteles, mas ele não percebeu isso, não tinha a menor idéia de que isso estava ali. Ele leu sobretudo o Aristóteles, crítico de Platão, de quem antes ele tinha se impregnado muito, quem ele leu muitíssimo, creio que o leu todos os dias da sua vida, porque ele foi muito influenciado por grandes estudiosos de Platão, como Paul Friedländer, durante sua juventude, o que deixou uma marca para sempre, Eric Voegelin se tornou de certo modo um eterno platônico. Quando ele começou a ler Aristóteles, já ficou meio irritado com coisas que Aristóteles dizia de Platão, e o enfocou sobretudo como crítico de Platão, o que não é uma boa porta de entrada para a obra de Aristóteles. Embora ele conhecesse bastante Aristóteles, não percebeu que o Aristóteles dava um fundamento teórico para uma coisa que ele próprio estava dizendo.

*Aluno: Caro professor Olavo, para introduzir meu questionamento, gostaria em primeiro lugar de relatar o assunto que sou mais um dentre muitos que se reaproximou da vida religiosa, especialmente do catolicismo, em grande parte, por sua influência. Ademais, voltei ao catolicismo com um espírito muito mais legitimamente religioso do que eu possuía anteriormente. Bem, a minha questão propriamente dita se refere de certa forma à abstinência de opinião em relação ao ambiente religioso. Explico-me: em ambientes católicos mais liberais como em missas da RCC, sinto por certas vezes uma futilidade do ambiente na postura das pessoas, quando não na do próprio sacerdote. Por outro lado, ao conversar com católicos aparentemente mais tradicionais, como no caso dos freqüentadores da Missa Tridentina, tenho a impressão de que esses parecem de uma rigidez demasiada, além de uma certa soberba espiritual(...)*

Olavo: Você tem toda a razão. Quando uma pessoa por minha influência volta à religião, às vezes o que acontece em seguida é lamentável, porque, se eu lhe digo para você voltar à religião, isto quer dizer: vá à missa, confesse, comungue e saia correndo! Não converse com padre nem com fiéis, não entre em comunidade, porque você não sabe onde está pisando. A confusão que reina nesses ambientes, a confusão mental de hoje, é a mesma que reina no resto da sociedade. O que eu digo para você buscar na Igreja são somente os sacramentos. O sacramento eu não posso dar, não posso rezar a missa, dar a confissão, dar a comunhão, poderia batizá-lo se você estivesse morrendo na minha frente— qualquer um poderia—, não posso casá-lo e assim por diante. Nós precisamos dos sacramentos, e eles só podem ser oficiados por pessoas que foram ordenadas de acordo com o rito, que é o mesmo desde a fundação da Igreja, que pertencem à linhagem da sucessão apostólica, eles precisam disso para terem autoridade de oficiar o rito, mas não interessa o que está na cabeça deles: podem ser da Teologia da Libertação, marxistas, homossexuais, drogados, o que eles quiserem—, isso é uma garantia formal do Nosso Senhor Jesus Cristo: o rito funciona do mesmo jeito, não importa o que celebrante pensa, são eles que você deve buscar lá. Se você entra na Igreja esperando conhecer pessoas que se sentem como você, entrar em uma comunidade; você está louco.A Igreja Católica no Brasil está podre, não só o pessoal da esquerda, toda ela, mas o rito continua funcionando. Isso é a misericórdia de Deus! Os padres podem ser todos grandes vigaristas, mas se eles oficiam o rito de acordo com as palavras que estão lá, ele vale do mesmo jeito, uma maravilha. Se você se confessa, pouco interessa se o padre é um idiota que não entendeu nada do que você falou, você fez a sua confissão, o padre só tem de ouvir e dizer as palavras: “Eu te absolvo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, e dar-lhe  a benção, então você vai embora. Mesmo que fosse o Leonardo Boff — que não é mais padre, mas se fosse valia—, é só isto que você tem de buscar deles. Vocês já me viram me meter em algum meio de Igreja, andar por aí com padre? Deus me livre! Eu não sou louco! Eu vou a Igreja, recebo os sacramentos e saio correndo, e é o que  recomendo que vocês façam. No entanto as pessoas começam a me dizer que conversaram com este padre, com o outro, que aquele lhe disse uma coisa. Já vieram me criar problema.  Se querem aprender com tal padre, então que fiquem com eles! Não me interessa o que os padre disseram. Não procurem confusão. Se você está procurando alguém para orientá-lo, peça a ele e não a mim. A minha orientação é: vá à Igreja e receba dela aquilo que nela é eterno, aquilo que não muda, não as idéias dos padres, que mudam todo dia. A comunidade, os espíritos da comunidade, mudam todo dia. Eles não são o catolicismo, são o enfeite sociológico do catolicismo, não têm a menor importância, mas os sacramentos são os mesmos, são eles que você deve aproveitar. Eu já tive ocasiões de me confessar, nas quais o padre depois me deu conselhos tão idiotas que eu disse: “Está bom então. Estou absolvido?”, e ele: “Está absolvido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” —, isso é tudo o que eu queria dele, porque ele, ainda que seja um cretino, tem autoridade para dar a confissão, porque ele foi ordenado padre. É isso o que eu quero deles. Suas idéias, que eles guardem para si. Não fico bravo com eles evidentemente, mas o que eles dizem entra por um ouvido e sai pelo outro, é o que eu gostaria que meus alunos fizessem. Não se integrem em comunidades religiosas, em grupos, em movimentos, em nada, nem conversem com as pessoas.Vá à igreja, confesse, comungue,

assista à missa e saia correndo, porque você não sabe onde está pisando. Por exemplo: com toda a infiltração da KGB na Igreja, foram centenas de milhares de pessoas que entraram, você nunca sabe com quem está falando. Há pessoas que você pensa que são conservadoras, mas vocês acham que algum agente da KGB prega o comunismo? Você já viu isso? Eles não fazem isso. Eu tenho uma séria desconfiança de que Alexandre Kojève, um grande filósofo, grande intérprete de Hegel, era agente da KGB. No Brasil tem outros tantos de quem eu também desconfio, mas eles não tem nada de comunistas, não vou dar os nomes para não confundir. Então, você não sabe onde está pisando! E se vier um agente da KGB, que foi ordenado padre e lhe dá um sacramento, o sacramento vale. Você acha que Deus é vigarista a ponto de lhe fazer uma promessa e ela depender da cabeça de um vigarista? Só o que interessa na Igreja é isso: o sacramento. Não peça ao padre para ensinar nada. Se você quer aprender coisa da doutrina católica, leia São Tomás de Aquino, Santo Afonso de Ligório, leia quem sabe o que está falando e aquilo que já está fixado, é antigo e não vai mudar, você não erra. Mas, se você começa a entrar nesses meandros, a me perguntar o que eu acho de tal movimento, do que tal padre disse, você quer me deixar louco. Eu não vou estudar essa coisa toda, não tenho tempo pra isso, é impossível. Não se meta em confusão. O que eles pensam ou deixam de pensar não tem importância. Por isso mesmo eu recomendo: não ouça nada! Está bem?

*Aluno: (...) Gostaria de saber se o professor tem alguma orientação.*

Olavo: É essa a orientação: vá à Igreja, assista à missa, confesse, comungue e saia correndo.

*Aluno: Eu não discordo de maneira alguma da idéia de se criar uma amostragem para fins científicos do que se tem opinado na mídia brasileira por intelectuais de prestígio. Mas posso imaginar alguém que apresente objeções a isso, com as quais eu não concordo, dizer o seguinte: "Quem me garante que o mesmo não aconteceu em outros países? Quem garante que ele não fez uma seleção* **[2:10]** *de tudo aquilo que serve às suas idéias? E mesmo que a coisa fosse realizada em outras culturas, o resultado não seria o mesmo?"*

Olavo: Mesmo que eu tivesse feito a seleção com a idéia pré-concebida, porque toda seleção é feita evidentemente com idéia pré-concebida: você define o que quer encontrar e procura; o tamanho da amostragem é suficiente para mostrar que as coisas, de fato, se passaram assim. Se alguém contesta que nem tudo se passou assim, é o óbvio, é a mesma coisa que dizer que existe alta criminalidade no Brasil porque cinqüenta mil brasileiros são assassinados todo ano e alguém contestar que os outros cento e sessenta milhões não foram assassinados, é o mesmo tipo de resposta. Uma amostragem grande é significativa em si mesma. Além disso, a classe letrada brasileira não tem tantos membros assim, sobretudo não tem tantos membros de prestígio. Por exemplo, se você quer examinar a esquerda brasileira e escolhe Leandro Konder, Emir Sader, Marilena Chauí, Luís Fernando Veríssimo, são todos os membros que são importantes. Se eles pensam deste ou tal modo, são representativos porque não há outros formadores de opinião que sejam tão importantes como eles para esse meio social específico.

Então se o sujeito pergunta o que garante que o mesmo não aconteceu em outros países, a resposta é que nada garante, absolutamente nada. Nesta parte, eu falo com relação apenas à minha experiência pessoal. Eu disse que não conhecia fenômeno idêntico que tenha se passado em país algum, o que não quer dizer que não tenha jamais acontecido, pode ter acontecido, mas, à primeira vista, quando se procura, não se encontra um fenômeno igual. Países que passaram por situações histórico-sociais muito mais graves que aquela do Brasil não sofreram uma decadência assim. Por exemplo, o que aconteceu com a cultura russa do séc. XX: os intelectuais foram para o exílio e a continuaram no mesmo nível de antes e, às vezes, até melhor, outros, ainda pior, continuaram aquela cultura russa dentro da cadeia, que não decaiu de maneira alguma. Quando se lê Soljenitsin, Aleksandr Zinoviev, Nikolai Berdiaev, Sorokin, vê se que são uma plêiade de gênios. Quem não estava no exílio, estava na cadeia, mas eles continuaram trabalhando, não emburreceram, A sociedade sim emburreceu. Aleksandr Zinoviev teve de construir artificialmente uma nova língua baseada no discurso oficial soviético, ele estudou aquela língua soviética, condensou-a criando uma língua onde todos os quadrados são redondos, dois mais dois são sempre sete, codificou esta absurdidade, o que ele levou muito tempo para fazer. Mas note bem: ele não coletou este mostruário entre os intelectuais eminentes, mas sim entre os funcionários do partido, políticos, professorezinhos do primário, uma espécie de arraia miúda intelectualmente; ainda que fossem pessoas importantes, não são pessoas que têm projeção no mundo intelectual. A diferença específica do Brasil é que você percebe a mesma coisa entre pessoas que são tidas como a intelectualidade brasileira, o que não se encontra em país algum. Eu não preciso garantir isso, quem faz a objeção tem de mostrar que um fenômeno idêntico aconteceu em outro lugar. Além disso, a unicidade do fenômeno brasileiro não é o ponto forte do que eu digo. Eu não faço questão de que o Brasil seja um caso único, o importante não é isso, mas sim que isto aconteceu, o que é suficientemente grave para merecer atenção.

Quando as pessoas apresentam objeções, você precisa examinar, em primeiro lugar, se a objeção mesma não está incluída no próprio fenômeno que você está estudando. Por exemplo, esta frase: “Quem me garante que o mesmo não aconteceu em outros países?”. Ninguém está garantindo, ninguém está afirmando nada. Eu apenas acho isso e digo que eu não conheço. Se alguém descobrir, é um caso interessante, ou seja, não é uma objeção de maneira alguma. Se alguém disser que aconteceu a mesma coisa em Zâmbia, eu ficaria interessando, teria um caso para fazer um ponto de comparação, que inclusive ajuda. Por que isso deveria ser uma objeção? Uma objeção aparente que é apresentada como uma objeção verdadeira, genuína, é apenas uma expressão de má vontade. Se é apenas uma expressão de má vontade, o que quer dizer? Que quem ouviu sua proposta não gostou? Portanto, enquanto objeções, essas coisas não valem a atenção, não a merecem, mas enquanto fenômenos e enquanto variantes do mesmo fenômeno que está sendo estudado, começam a ser importantes. Quando lhe disserem essas coisas, examine-as como mais uma amostragem. Não há nenhuma objeção séria que se possa apresentar a um mostruário tão grande, mas existem outros fatos que você pode trazer, os quais você pode comparar para dar mais nitidez ao processo.

Eu já citei várias vezes o fato de que quando você examina as listas anuais de prêmios científicos no mundo, vê prêmios dados a cientistas da Zâmbia, da Serra Leoa, do Pólo Norte, talvez até, do planeta Marte, mas não aparece um brasileiro, num país de cento e oitenta milhões de habitantes, que tem uma Universidade em cada esquina. É um dos países que mais tem professores universitários *per capita*— a média no Brasil é de um professor pra oito alunos —, o que dá a impressão de ser um país culto, com tantos professores, nos EUA a proporção é de um para vinte. Isto é significativo em si mesmo, algo está acontecendo. Não só os prêmios científicos, os estudantes brasileiros sempre tiram os últimos lugares nos testes internacionais. Será que isso também não significa nada? O que garante que isso não acontece em outros países? Veja a lista, não houve nenhum outro país que tirou o último lugar, só um tirou o último lugar. Se houvesse outros, vejamos que países são esses: algum país de cento e oitenta milhões de habitantes? Algum país do tamanho de um continente? O Brasil foi a oitava economia do mundo durante um certo tempo, embora voltasse a agora ser a quadragésima, mas chegou a ser a oitava. Claramente não há nenhum país desse tamanho, com essa riqueza e com esses recursos educacionais onde essas coisas aconteçam. Simplesmente não há nenhum caso, pode ser que algum tenha me escapado, mas, à primeira vista, é quase impossível.

Quem garante que eu não fiz uma seleção que servisse às minhas idéias? É claro que a seleção serve às minhas idéias, porém essa amostragem não depende de amostragens inversas. Se escritores importantes cometem esses erros banais reiteradamente, isso é significativo em si, ainda que cada um deles só o tivesse cometido uma única vez. Se alguém disser que tal escritor cometeu esse erro uma vez, mas no restante da sua obra escrita não os fez; respondo que é mentira, porque eles os cometem praticamente a cada vez que abrem a boca. Não sou eu que tenho que provar que não houve seletividade, mas quem faz a objeção tem de me mostrar um *exemplum in contrarium* que conteste a minha teoria.

Quando alguém levanta objeções do tipo “quem garante que...”, está levantando uma hipótese. **[2:20]** Eu lhes apresento uma massa de fatos e ele quer contestá-la com um hipótese, como o sujeito do exemplo que eu citei fez. Vejam como isso se tornou normal do Brasil. Prestem atenção, é claro que vocês não concordam com as pessoas que dizem isso, mas será que perceberam instantaneamente a estupidez do que estão falando? Se não perceberam, precisam treinar mais um pouco e estejam advertidos: a burrice dessas pessoas é muito maior do que vocês imaginam. Levantar uma hipótese contra fatos é algo que se transformou em regra no Brasil. Eu apresento vários fatos, e alguém levanta uma hipótese, que imediatamente os neutraliza. Os brasileiros realmente dão mais importância a uma hipótese do que aos fatos; se ela levanta uma suspeita, e se esta for de vigarice, então ela tem credibilidade automática. Vocês não percebem que isso é fruto de uma mentalidade terrivelmente viciada, psicótica, que acredita muito mais em qualquer suspeita do que numa lista de fatos? Como a daquele número de pessoas que, logo quando eu comecei a falar do Foro de São Paulo, alegaram que aquilo não era verossímil. O argumento de verossimilhança no entanto só serve contra uma conjectura,  mas não contra um fato. Se eu digo que algo

aconteceu e depois o provo, não faz sentido dizer que é verossímil. Verossímil quer dizer: parece verdade; se você tem a prova de um fato, não faz sentido alegar a inverossimilhança. Isso faz parte do instinto lógico humano, o qual está sendo apagado no Brasil, coisas que uma criança saberia, que ela sabe antes de entrar na escola, mas que depois de três ou quatro anos de escola já não sabe mais. Se você estudar a teoria da prova, a técnica da prova, que é muito antiga e altamente desenvolvida, todos os estudiosos da área sabem que quando se discute no plano da factualidade, a verossimilhança não conta. Só se pode alegar uma verossimilhança contra outra verossimilhança ou contra uma possibilidade abstrata: alguém imagina tal coisa e o outro diz que é inverossímil. Pode-se raciocinar retoricamente contra outro discurso retórico, ou contra um discurso poético, contra o discurso dialético é lógico que não faz sentido, é sinal de doença mental, não só de burrice. É falta de senso da realidade.

*Aluno: (...) A resposta pra isso seria apresentar os fatos ?*

Olavo: Tem duas respostas: a primeira é um palavrão; a segunda, se o caso lhe parecer digno de uma análise, é analisá-lo e colocá-lo na coleção do mostruário da imbecilidade brasileira, mas não respondê-las e discuti-las, não faz sentido. Você não pode discutir com alguém que não sabe que não se alega inverossimilhança contra um fato. Se você diz que algo aconteceu e tem as provas, você tem de raciocinar a partir daí: o fato é premissa do raciocínio. Eu disse que havia uma reunião do Foro de São Paulo, apresentei os documentos, as atas, as assinaturas deste e daquele participante e alguém contestou que era inverossímil, mas eu não queria que parecesse verdade; se alguém dissesse que eles eram falsos, é outra coisa, eu teria de ter falsificado as atas, então que ele provasse isto, que ele impugnasse a alegação de fatos no plano dos fatos, não no plano da verossimilhança. Percebem a gravidade de uma pessoa não saber esta distinção elementar? Isto é uma coisa que uma criança de doze anos tem de saber. No Brasil é obrigatório pensar assim. O número de pessoas que alegaram inverossimilhança contra a existência do Foro de São Paulo foi imenso; nenhum deles contestou o fato, nenhum deles disse que eu tinha, por exemplo, falsificado os documentos, o que era impossível, pois eles haviam sido publicados. Ou seja, não podendo contestar o fato, eles alegam inverossimilhança. Não parece verdade? Eu sei que não parece verdade, o problema é exatamente este: não parece mas é. A minha filha Inês, quando era criança, aos três anos de idade, inventou uma lógica própria, que tinha quatro categorias: (i) parece mas não é; (ii) não parece mas é;(iii) parece e é, e (iv) não parece e nem é, com as quais ela classificava tudo. Se ela sabia fazer isso quando tinha três anos, por que os outros não sabem? Percebam como é natural essa distinção entre os vários graus de aparência, de verossimilhança; a percepção deles é instintiva ao ser humano. Se alguém a perde, não que ele é burro, mas está doente.

*Aluno: Coletando material sobre a contra-cultura brasileira para a pesquisa que você me sugeriu, pude observar um fenômeno que, quanto mais procuro compreender, mais estranho me parece. O que atualmente se tornou para mim um problema digno de ser investigado não é mais a ascensão da contra-cultura, mas a descontinuidade cultural existente na discussão pública entre os*

*anos cinqüenta e o final dos anos sessenta em diante. Não que a geração José Olympio tenha desaparecido, mas a impressão é que eles tornaram-se obsoletos e de pouca importância para a inteligência nacional.(...)*

Olavo: Mas é exatamente isso!

*Aluno: (...) Num esquema apresentado numa de suas últimas aulas, a Universidade aparecia como instituição divulgadora e não criadora da cultura superior. Levando esse esquema em consideração, minha hipótese atual é a seguinte: concomitante ao eclipse da alta cultura, ocorre a ascensão da intelectualidade universitária, ocupando o lugar de intelectuais, escritores e críticos que— apenas acidentalmente— eram professores universitários.*

Olavo: É exatamente isso. Se você observar um ramo específico, que é a crítica literária: ela até os anos sessenta tinha grandes nomes, alguns dos maiores críticos do mundo. Eu não hesito em colocar um Augusto Meyer, Otto Maria Carpeaux como alguns dos grandes do mundo. Daí decidiram adotar no Brasil o sistema americano do *New Criticism,* que é ensinado nas Universidades: a crítica literária deixaria de ser amadorística e seria uma atividade científica desenvolvida na Universidade, o que a destruiu, abaixou seu nível ao ponto da estupidez; pois se trocou a substantividade do conhecimento que antes o crítico mostrava pela exibição de títulos, de credenciais universitárias correspondentes. No Brasil sempre houve essa tendência: o desprezo pelo conhecimento, mas o respeito devoto pelos símbolos convencionais, pelas credenciais. Não importa o que o sujeito sabe, importa saber se ele é bacharel. Na obra do Lima Barreto, isso é documentado abundantemente, como n'*O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em que as vizinhas, ao verem sua biblioteca pela janela, se perguntavam para que tantos livros se nem bacharel ele era. Isso está impregnado no Brasil. Nós estávamos nos livrando disso nos anos quarenta, cinqüenta e sessenta, daí, com a ascensão das Universidades, o processo foi abortado. Que Universidade produziu um único crítico capaz de se ombrear a Otto Maria Carpeaux, Adolfo Casais Monteiro, Augusto Meyer? Nenhuma. Do mesmo modo, a obrigatoriedade do diploma de jornalismo acabou com o jornalismo brasileiro. Alguém que escrevesse como **[2:30]** escrevem os alunos recém-saídos da Universidade de hoje jamais seria admitido num jornal nos anos cinqüenta ou sessenta, ele não teria emprego. Mas hoje ele se candidata e não precisa mais mostrar conhecimento, mostra o diploma. Foi isto o que aconteceu.

*Aluno: (...) De uma década para outra a Universidade passa a ser o juiz da cultura decidindo o que deve ser considerado ou não culturalmente relevante(...)*

Olavo: Foi exatamente o que aconteceu. E qual é a credencial que a Universidade apresenta para isso, a sua alta produção? Não, mas a autorização que ela tem do Governo para ensinar, ela não precisa produzir nada. A produção filosófica da Universidade de São Paulo é nula e, no entanto ela tem autoridade para falar, porque representa institucionalmente a filosofia no Brasil, aí as coisas se perderam. A partir do momento em que este pessoal começa a ocupar o lugar dos intelectuais sérios, tudo se perdeu. É curioso que, nos anos sessenta, a contra-cultura era contra o e*stablishment* universitário e o

e*stablishment* escolar de modo geral; citei outro dia Ivan Illitch— escritor importantíssimo da esquerda mundial dos anos cinqüenta aos setenta— que escreveu um livro que se chama *Sociedade Sem Escolas*, também havia nos meios esquerdistas um grande livro, *The Credential Society*, de Randall Collins. O pessoal da esquerda os lia e ficava maravilhado, porque eram todos contra o e*stablishment.* Eles diziam não querer diploma, atestado governamental, mas cultura de verdade, algo substantivo. Na época, eles quiseram, mas logo depois não queriam mais, pois na geração seguinte já eram eles o e*stablishment*, então mudaram de idéia. Hoje no Brasil eles querem por na cadeia quem faça *homeschooling*, quando na contra-cultura dos anos sessenta o *homeschooling* era um ponto de honra. Mas é sempre assim, porque o importante para eles não eram as questões culturais substantivas que estavam sendo discutidas, era a ascensão ao poder, para a qual eles usavam tudo. Qualquer defeito que tivesse a sociedade eles podiam analisar, não no sentido de querer resolvê-lo, mas apenas como pretexto para dizerem como eles eram bons e os outros ruins, só propaganda, em suma. Do mesmo modo, aconteceu com a medicina alternativa: foi o pessoal da contra-cultura que espalhou a medicina alternativa no ocidente nos anos sessenta, mas hoje eles são os ministros da saúde que querem por na cadeia quem pratique medicina alternativa.

A Universidade é a grande culpada do que aconteceu no Brasil, porque ela é um instrumento que impõe vigaristas em toda a parte, dá autoridade a eles, tem autoridade dada pelo governo. No instante em que o Governo se torna autoridade intelectual, tudo se perde, porque a essência da autoridade intelectual é não estar vinculada a outra autoridade. O primeiro intelectual do ocidente, o primeiro formador de opinião independente, foi Dante Alighieri, ele foi o primeiro que falou— há uma página imortal de Eric Voegelin sobre isso, a respeito de Dante— não em nome de uma instituição ou de uma tradição, mas em nome do que ele estava vendo, e o fez com uma tremenda autoridade, colocava até os papas no inferno. Como diriam, é muita cara-de-pau: um indivíduo sozinho julga até os papas. Mas ele tinha razão naquelas coisas, então falava com a autoridade da razão tal como ela se revelava na sua própria alma de homem desenvolvido, sério, um *spoudaios*, por assim dizer. E qual é a diferença entre ele e o filósofo antigo? Ele era um formador de opinião, os filósofos não eram, estes falavam apenas para seu círculo de estudantes e Dante falava para o povo em geral, foi o primeiro intelectual do ocidente.

Daí para adiante— como bem observa o Jacques Barzun— quando um intelectual critica algo do e*stablishment*, ele está criticando entidades que são dirigidas por outros intelectuais. Quando eles falam, por exemplo, que são contra as corporações, estão falando contra quem as dirige, quem faz seus planos, que, por sua vez, são outros intelectuais. Todo conflito é entre intelectuais, e você verá que sempre a parte mais errada é a que representa o *establishment*. Tudo aquilo o que o pessoal da esquerda criticava no *establishment* nos anos sessenta era verdade, mas eles só o fizeram para poderem fazer pior depois, como sempre. Eu mencionei outro dia o caso da antipsiquiatria: eles faziam críticas justas ao *establishment* psiquiátrico, contudo desproporcionais, porque tudo o que eles apontavam no

*establishment* psiquiátrico do ocidente, acontecia em dose mil vezes ampliada nos países comunistas. É como se alguém tivesse um indivíduo que roubou um chiclete e outro que estuprou vinte menininhas de três anos, mas só fala do segundo. Ele roubou chiclete, é verdade, mas a diferença de humanidade entre *establishment* psiquiátrico ocidental e o soviético era exatamente a diferença entre roubar um chiclete e estuprar meninas de três anos, e a antipsiquiatria se concentrou na primeira para esconder a segunda. Não quer dizer que aquilo que eles diziam do *establishment* substantivamente fosse falso, não era, era apenas desproporcional; assim como os que falam de homossexuais discriminados. Às vezes acontece, mas não com a proporção que eles dizem. Discriminação contra homossexual existe em Cuba, não na América, e no Brasil menos ainda.

A partir do momento em que uma síntese de partido político e Estado se torna juíza da cultura superior, a cultura superior acaba, exatamente como aconteceu com as universidades medievais. As universidades eram clubes formados por iniciativa própria dos alunos, que queriam aprender, então convidavam os professores de onde eles estivessem. Aquilo era pago pela própria sociedade; todos contribuíam, os ricos davam dinheiro e a mantinham; mas elas foram crescendo, até o ponto de terem uma presença na sociedade, era muita gente, que tinha certo poder, certa influência. Quando as autoridades descobriram que aquilo podia servir a elas, começa a disputa entre o Estado e o Papa para mandar na universidade, aí elas se perderam.

*Aluno: (...) No final dos anos setenta, a intelectualidade universitária consegue finalmente substituir a cultura superior por aquilo que na década anterior era apenas marginal (...)*

Olavo: Exatamente. Tudo aquilo que era marginal e secundário, desprezível na geração anterior, se torna agora a verdadeira cultura superior.

*Aluno: (...) Levando a contra-cultura (música popular, Tropicália, CPC, Teatro de Arena, Teatro Oficina, Pasquim, literatura e livros para proletariado) para o centro das preocupações culturais brasileiras.*

Olavo: Pois é exatamente isso o que eu disse. Aqueles procedimentos que eram antes apenas instrumentos de propaganda política e que eram tratados como tais— que têm o seu lugar na sociedade, mas não são cultura superior— invadiram o recinto da cultura superior e naquele momento se tornam a cultura superior, e a verdadeira cultura superior não tem mais lugar em parte alguma. De certo modo, foi uma imbecilização programada. O objetivo não era propriamente imbecilizar, era apenas transformar o *establishment* cultural em instrumento para a tomada do poder, mas isso implica necessariamente a imbecilização. Ninguém pode alegar que estava inocente, que não queria imbecilizar ninguém; não queriam expressamente, mas implicitamente é o que fizeram, pois, se alguém quer a causa, quer o efeito necessariamente. A esquerda brasileira **[2:40]** é culpada do que aconteceu, mas, entre as vítimas, encontram-se a própria direita, os próprios liberais.Vejam, quando se fundou o Instituto Liberal Brasileiro, começou alto: quem fundou foi Donald Stewart Jr., um amigo, já falecido, autor da melhor tradução que eu li em língua portuguesa d'*A Ação Humana*, de Ludwig von Mises. Eu o conhecia bem,

conversava com ele, era um homem de altíssima inteligência, embora não tivesse a menor pretensão de ser um intelectual, ele era um engenheiro industrial e era isso o que ele fazia. Depois foi descendo, e hoje quem representa o pensamento liberal é Rodrigo Constantino. Quando é que nós vamos acordar? E Rodrigo Constantino veio da universidade.

*Aluno: Tenho notado no discurso de muitos filósofos e comentadores da filosofia um aspecto curioso: quando eles analisam o papel da ciência, da física de Newton, de Einstein, etc., colocam a mesma em um lugar de relatividade e de singularidade, ou seja, mais uma versão da realidade. No entanto ao tratarem das concepções que julgam as mais adequadas— filosóficas, religiosas—, e ao ressaltarem o aspecto, o mesmo conjunto dessas concepções adequadas, ressaltam uma validade científica como atestado de superioridade.*

Olavo: É exatamente isso. Eles são relativistas para os outros, mas são absolutistas para si mesmos. Quando eles dizem que a ciência não tem o monopólio da verdade, que ela é apenas uma forma de investigação da verdade entre outras e, logo depois, menosprezam algo dizendo que não é científico, em primeiro lugar, trata-se de uma concepção fetichista da ciência, eles acreditam que exista mesmo o limite material que separa o que é científico do que não é, o que é absolutamente falso; em segundo lugar: cientificamente falando, não há como provar a superioridade da verdade científica sobre outra verdade qualquer, no momento em que você faz isso, você está sendo científico na proclamação da superioridade da ciência, e anticientífico na forma de raciocínio com a qual você a faz. É uma doença permanente do espírito humano, mas não posso dizer que só aconteça no Brasil, isso é a regra geral. Leiam o livro de Mary Midgley: *Science As Salvation*, encontrarão isso lá. Nos EUA, existe uma série de livros maravilhosos sobre assunto, dá para montar uma biblioteca inteira só com o besteirol científico do século XX, algo maravilhoso, que  não acaba, pior que o museu patológico do professor de dermatologia, vários monstrinhos. Isto é algo contra qual o Brasil está indefeso, porque além deste problema, tem outros piores. Quando alguém no Brasil—  um debatedor público, formador de opinião— erra por cientificismo, ou por materialismo, ou por qualquer destas coisa, temos de dar graças a Deus, porque isto é alto nível para o padrão Brasileiro. Em geral, o debatedor erra em coisas como aquela que eu mostrei, em não saber que não se alega uma verossimilhança contra um fato, ele perdeu a capacidade lógica que a minha filha tinha aos três anos de idade. Não é possível discutir com alguém assim, porque você pode contestar uma idéia falsa, dar a ele uma informação que ele não tem, mas não pode infundir inteligência nele, uma vez que ele a danificou.

Prestem bem atenção: para discutir com uma pessoa dessas, precisa fazer uma verdadeira psicanálise nela, porque você terá de despertar nela a consciência da sua própria situação. Para isto, o procedimento analítico tem de ser extensivo, pode levar muito tempo. Por exemplo, alguém que perdeu a noção da relação entre verossimilhança e fato, para ele perceber que está errando nisto, você precisa mostrar isso para ele várias vezes; para os outros não, você mostra uma vez e todos riem dele. Se o objetivo fosse apenas os expor ao ridículo, estaria completado o serviço. Por que eu precisaria expor ao

ridículo quem já está nele? Não é necessário. Mostrar essas coisas é bom para terceiros, mas, se eu quiser beneficiar a própria pessoa e fazê-la ver, é preciso muito tempo. Você precisa desmontar repetidamente, precisa de muita análise, exatamente como numa psicanálise. Eu faria isso por um Rodrigo Constantino ou por um Anselmo Heidrich se eles me pagassem. Tomar consciência da própria idiotice é um acontecimento fundamental na vida, uma nova perspectiva se abre para você, aí você começa a evoluir intelectualmente, só a partir do instante em que você percebeu que é um idiota. Se alguém pede para você lhe mostrar isto, e você o faz, ainda assim ele pode se ofender, tanto mais se não pediu e você mostra do mesmo jeito, aí ele fica mortalmente ofendido. Você estará proferindo um diagnóstico, mas ele ouvirá como um insulto. Naturalmente, ele tentará diagnosticá-lo baseado nessa lógica que mistura verossimilhança com fato, gênero com espécie, etc., vai produzir um mostrengo quase impossível de analisar. Quando alguém chega a este ponto, saiu da neurose e entra na psicose. Espero que isto não aconteça a ninguém, eu não o desejo para ninguém, mas vejo pessoas que, de tanto teimarem, ficam psicóticas.

*Aluno: Quando escutei na última aula sobre cosmovisão científica, não pude deixar de lembrar o livro* O Alienista*, de Machado de Assis. A troca de paradigmas científicos ou cosmovisões na nossa história parecem estar resumidas nas loucuras científicas do médico. A falta de princípios de uma filosofia da ciência adequada parece descambar sempre para o uso desumano da ciência. O engraçado é o prefácio que veio com o livro que eu tive oportunidade de ler, feito por uma professora de português que dizia ser o livro uma defesa do relativismo, e como nada pode ser considerado absoluto em nossa realidade. Após uma leitura atenta, parecia justamente o contrário: Machado de Assis parece reforçar que o relativismo levado às suas conseqüências lógicas é comicamente absurdo, mas o poder de inversão desse pessoal parece não ter fim.*

Olavo: Isto é exatamente como tal. O começo do livro, o começo da compreensão deste livro, a primeira camada de significados é: o Dr. Simão Bacamarte nega a realidade conhecida a partir de teorias que tem, teorias que são hipotéticas, ele sobrepõe a hipótese ao fato, é a primeira coisa que ele faz. Porém ele também não tem certeza absoluta disto: ele é um cientista, tem uma mentalidade experimental, ele experimenta o contrário para ver o que acontece. O problema dele, evidentemente, não é uma fé cega e absoluta, é a incapacidade de apreender o senso comum da comunidade onde ele está e de raciocinar como um ser humano qualquer. Ele perdeu o instinto lógico e o substituiu por um pretenso método científico.

Note bem que a lógica de Aristóteles é desenvolvida inteiramente a partir de uma pura codificação do instinto lógico, uma lógica natural. Muito mais tarde, dois mil e quatrocentos anos depois, decorrido todo este tempo para que alguém acrescentasse alguma coisa a ela, pois os escolásticos a aperfeiçoaram mas não acrescentaram, surge a lógica matemática, passa a existir um aperfeiçoamento, um detalhamento imenso, de modo que já não é mais a lógica natural, já começa a história da lógica de computadores, que já não é mais a lógica natural do ser humano. Não  é a lógica natural, embora não seja

incoerente com ela. O método científico é apenas uma aplicação historicamente [2:50] localizada da lógica natural, ele recorta alguns preceitos da lógica natural e os aplica a um certo domínio da realidade, somente isso. Nenhum conhecimento científico pode ser alegado contra a lógica que o fundamenta: é esse o ponto. Muitas pessoas no entanto acreditam que a ciência tem o poder, tem jurisdição até mesmo sobre a lógica elementar. Aí está tudo perdido. Elas querem fazer a conclusão julgar a premissa, o que não é possível. Quando elas fazem isso, perderam o instinto lógico, o que é grave, é doença mental, não burrice, mas uma falha de percepção, é o delírio de interpretação de que fala Paul Sérieux. É uma doença mental e é altamente transmissível por impregnação de modelos, que às vezes não aparece exteriormente como tal, porque não implica distorções de percepção, o indivíduo  não tem visões, apenas não tem mais o senso das proporções para descrever o que vê, descreve errado.

Vejam, nós podemos fazer algo para resolver essa situação, podemos ajudar muito a próxima geração. Se eu sozinho estou espalhando, mostrando-lhes tudo isso, vocês, que são quase mil pessoas, o que vocês podem fazer pela geração seguinte? Se continuarem, tiverem a perseverança que eu tive, porque isso não se fará amanhã, mas levará vinte ou trinta anos para começar, é a missão mais nobre e elevada que vocês poderiam ter nas suas vidas. Todas as urgências políticas são nada perto disso; sem uma atmosfera intelectual mais ou menos saneada, o que quer que você faça em política será inócuo. Na situação atual tanto faz ser comunista como ser liberal, você é burro do mesmo jeito e está espalhando o mal por aí. Se você se diz católico ou conservador, isso não melhora em nada sua situação, como diria Groucho Marx; você apenas aderiu a uma outra coisa. O que importa nas nossas ações não é a idéia que nos inspira, é a lógica inteira do que nós fazemos. Santo Tomás de Aquino dizia que a ação boa é aquela que tem um objetivo bom, que é realizada por meios bons e desencadeia efeitos bons, é a ação inteira que interessa.

Bem, por hoje teremos que parar aqui, vou guardar algumas perguntas para a aula que vem. Muito obrigado e até semana que vem.

Transcrição realizada por: Klauss P. Tofanetto, Mauro Ventura Alves, Oclécio Alves Cabral Filho, Eduardo Afonso de Aguiar.

Revisão realizada por: Calvin Lee